

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Faculdade de Psicologia – Unidade São Gabriel

Tatiana Cristina Mendes Hanum

**O USO DOS CONTOS DE FADAS EM GRUPOS DE MULHERES:
uma vivência no Tribunal de Justiça de Minas Gerais**

Área: Psicologia Clínica e Social

Palavras-chave: Psicologia analítica; contos de fadas; feminismo; grupos de mulheres; processo de individuação.

Belo Horizonte

2026

Tatiana Cristina Mendes Hanum

**O USO DOS CONTOS DE FADAS EM GRUPOS DE MULHERES:
uma vivência no Tribunal de Justiça de Minas Gerais**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, unidade São Gabriel, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Frank Silva Kaitel

Belo Horizonte

2026

Tatiana Cristina Mendes Hanum

**O USO DOS CONTOS DE FADAS EM GRUPOS DE MULHERES:
uma vivência no Tribunal de Justiça de Minas Gerais**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, unidade São Gabriel, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Prof. Dr. Alexandre Frank Silva Kaitel – Puc Minas (Orientador)

Prof. Dra. Bruna Coutinho – Puc Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 21 de maio de 2026.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às minhas queridas amigas do Grupo Espírita Maria Francisca Rocha e às minhas amigas da Diretoria Executiva de Informática do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, que me permitiram vivenciar também o meu próprio processo de cura em contato com o processo de cada uma daquelas que participaram dos grupos de mulheres com o uso dos contos de fadas como técnica grupal.

Agradeço à minha querida família, que sempre me apoia. Às minhas irmãs, Paula e Izabela – sempre por vocês –, e à minha mãe, Lúcia. Às minhas sobrinhas, Tereza e Amélia, da nova geração de mulheres, à qual entregamos uma trajetória um pouco mais elaborada nas questões do feminino. Ao meu cunhado, Pedro, sempre cuidadoso. Ao Alexandre, meu pai querido do coração. Ao meu falecido pai, Carlos, que permanece vivo em minha trajetória.

Agradeço especialmente ao meu filho, Arthur, que, a partir da sua existência, tornou ainda mais significativa a minha jornada, deixando-a mais florida e cheia de amor.

Agradeço à PUC Minas e ao meu orientador, Prof. Alexandre Kaitel, que, com sua atuação metódica e amorosa, me deu direcionamento não apenas na monografia, mas também no contato com a psicologia humanista, que tanto me encanta.

Por fim, agradeço ao Tribunal de Justiça de Minas Gerais, que me acolhe há quase 20 anos de serviço público; em especial, à Exma. Dra. Mariana de Lima Andrade, pela sua sensibilidade às questões feministas e apoio neste trabalho.

Não há nada mais trickster do que criar um grupo de mulheres no Tribunal de Justiça de Minas Gerais.

RESUMO

O objetivo desta monografia é investigar um grupo de mulheres que adotou como ferramenta mediadora os contos de fadas buscando, a partir de pesquisa bibliográfica e de entrevistas, identificar possíveis efeitos no processo de individuação destas mulheres. Tal pesquisa baseia-se em três pilares: a literatura de contos de fadas, o processo de individuação teorizado por Carl Gustav Jung e o feminismo, com seus atravessamentos nas teorias pós-junguianas. Esses temas foram interconectados por meio da análise do uso terapêutico dos contos de fadas. A pesquisa foi desenvolvida por meio da metodologia qualitativa de análise temática reflexiva, tendo sido entrevistadas quatro mulheres integrantes de um grupo baseado na leitura de contos de fadas, conduzido por 15 mulheres atuantes na Diretoria Executiva de Tecnologia da Informação e Comunicação – Dirtec – do Tribunal de Justiça de Minas Gerais – TJMG –, ao longo do ano de 2025, com encontros mensais. Após análise, foram identificados cinco temas centrais: autoconhecimento, contato com a história, experiência numinosa, mudança de vida e processo grupal. Os resultados indicaram que o processo grupal realizado com mulheres no TJMG forneceu suporte para que cada participante iniciasse um movimento de atuação com maior autonomia, autoridade e consciência sobre sua jornada pessoal. Assim, entende-se que os objetivos desta pesquisa foram atingidos pois a interpretação de contos em grupo mostrou-se uma via eficaz para o processo de individuação.

Palavras-chave: Psicologia analítica; contos de fadas; feminismo, grupos de mulheres; processo de individuação.

ABSTRACT

This monograph aims to investigate the effects of the experience of women participating in a group dedicated to the reading and interpretation of fairy tales. This research is based on three pillars: fairy tale literature, the individuation process theorized by Carl Gustav Jung, and feminism, including its intersections with post-Jungian theories. These themes were interconnected through the analysis of the therapeutic use of fairy tales. The study was conducted using a qualitative reflexive thematic analysis methodology. The participants were four women from a group based on fairy tale reading, composed of 15 women working at the Executive Directorate of Information and Communication Technology (Dirtec) of the Court of Justice of Minas Gerais (TJMG) throughout 2025, with monthly meetings. Five core themes were identified: self-knowledge; contact with the story; numinous experience; life change experience; group process. The results indicated that the group process conducted with women at TJMG provided the necessary support for each participant to begin a movement toward acting with greater autonomy, authority, and awareness regarding her personal journey. Thus, the objectives of this research were achieved, as the group interpretation of tales proved to be an effective path for the individuation process.

Keywords: Analytical psychology; fairy tales; feminism; women's groups; individuation process.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Relação entre os temas encontrados e as entrevistas.....	40
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Características das principais referências acerca dos contos de fadas....	19
Tabela 2 – Comparação entre os três arquétipos: <i>ânima</i> , <i>ânimus</i> e sombra	26
Tabela 3 – Entrevistas realizadas	40
Tabela 4 – Códigos agrupados no tema autoconhecimento.....	41
Tabela 5 – Códigos agrupados no tema contato com a história.....	43
Tabela 6 – Códigos agrupados no tema experiência numinosa	44
Tabela 7 – Códigos agrupados no tema mudança de vida.....	46
Tabela 8 – Códigos agrupados no tema processo grupal.....	48

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1	A literatura dos contos de fadas	15
2.1.1	A gênese dos contos de fadas	17
2.2	A psicologia analítica de Carl Gustav Jung	22
2.2.1	O processo de individuação	23
2.2.2	Os pós-junguianos e o feminismo	28
2.2.3	O feminismo pelo arquétipo trickster	31
2.3	Os contos de fadas e sua função terapêutica	33
3	METODOLOGIA	38
4	ANÁLISE DOS DADOS	40
4.1	Autoconhecimento	41
4.2	Contato com a história	43
4.3	Experiência numinosa	44
4.4	Mudança de vida	46
4.5	Processo grupal	48
5	DISCUSSÃO	51
6	CONCLUSÃO	53
	REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como tema a investigação dos efeitos da experiência de mulheres ao participarem de um grupo de leitura e interpretação de contos, à luz da teoria junguiana e do feminismo pós-junguiano. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que tem como objetivo principal investigar um grupo de mulheres que adotou como ferramenta mediadora os contos de fadas buscando, a partir de pesquisa bibliográfica e de entrevistas, identificar possíveis efeitos no processo de individuação destas mulheres. Quanto aos objetivos específicos, buscamos realizar uma investigação bibliográfica acerca da literatura de contos de fadas; identificar o mundo simbólico e os processos de individuação segundo Carl Gustav Jung; identificar os aspectos do feminismo e seus atravessamentos na literatura pós-junguiana e investigar os usos de contos de fadas em grupos terapêuticos.

A pesquisa contou com uma análise bibliográfica na qual destacamos três pilares: literatura de contos de fadas, o processo de individuação teorizado por Carl Gustav Jung e o feminismo com seus atravessamentos das teorias pós-junguianas. Esses temas foram interconectados pela análise do uso terapêutico dos contos de fadas. A investigação quanto aos efeitos do processo de leitura e interpretação de contos ocorreu por meio de entrevistas com participantes de um grupo de mulheres realizado no Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG), entre 2024 e 2025, em que cada encontro girava em torno da temática de um conto de fadas. As entrevistas foram tratadas por meio do método de análise temática, que tem por objetivo, conforme descrito por Souza (2019), identificar, analisar, interpretar e relatar padrões (temas).

A realização deste projeto de pesquisa se justifica por estabelecer a correlação entre o uso terapêutico de contos de fadas e a intervenção com mulheres, tema sobre o qual ainda há pouca literatura. A prática da utilização de histórias para contribuir para o desenvolvimento pessoal é muito antiga. Diversos autores, como Gutfreind (2020), Hisada (2007), Schneider e Torossian (2009) e Souza (2005), relataram suas experiências positivas com o uso de contos de fadas em processos terapêuticos. Há que se ponderar a força que tais histórias possuem em nossa vida e sua efetividade como ferramentas terapêuticas. Assim, no universo da psicologia, existe um campo de investigação amplo que une a literatura às transformações pessoais em processos terapêuticos, grupais ou individuais, que podem ser mais bem explorados.

Aqui, cabe ressaltar que as questões do feminino permeiam minha trajetória pessoal e profissional. A primeira experiência que me foi oportunizada para a condução do grupo de

mulheres, com a mediação dos debates pelos contos de fadas, foi em 2021, por meio de uma tarefa, que eu coordenava, vinculada ao Grupo Espírita Maria Francisca Rocha. O grupo foi inicialmente formado apenas por mulheres que visitavam o Asilo Lar da Vovó. Em contato com as idosas, todas nós realizávamos um mergulho profundo em suas questões íntimas, que dialogavam com as questões daquelas senhoras asiladas. Para fortalecer o grupo, resolvemos iniciar encontros mensais com debates acerca dos contos de fadas. Ao iniciar o processo, percebemos que, se algum homem participasse do grupo, alguns assuntos não seriam abordados com facilidade. Assim, optamos por um grupo restrito a mulheres, apesar das críticas de alguns homens do grupo espírita, que queriam participar, mas não foram acolhidos em suas demandas.

Dessa forma, durante um ano inteiro, realizamos encontros mensais, nos quais líamos as histórias, interpretávamos e fazíamos analogias com aspectos da nossa vida íntima. Com o tempo, nossas histórias de vida se encontraram, e aconteceu o fenômeno da fala recorrente do “eu também”. A escolha por um grupo exclusivo de mulheres trouxe liberdade de fala e sentimento de união.

No grupo espírita, a experiência se espalhou, e me foi solicitada a condução de mais um grupo de mulheres. Dessa vez, apenas marquei uma data para início, e contamos com convites espalhados pelos grupos de WhatsApp para a formação do grupo. Assim, em 2023, esse mesmo trabalho se repetiu com encontros mensais. Dessa vez, alguns contos foram substituídos, e algumas ordens foram modificadas em relação à sequência do primeiro grupo, a qual foi seguida no grupo alvo desta pesquisa. Por exemplo, foi observado que trazer o conto do Chapeuzinho Vermelho e oportunizar a conversa sobre abusos contra mulheres requer certa maturidade do grupo, que não poderia ser provocada nos primeiros encontros. Outra questão importante foi perceber que cada grupo é único. Ou seja, cada conto apresentado pode levar a caminhos que não se pode prever, pois as pessoas vão direcionando o debate para aquilo que lhes toca mais naquele momento. Diante disso, no planejamento inicial, deixei alguns encontros sem um texto definido previamente para oportunizar a inclusão de textos que pudessem aprofundar questões emergentes ao longo dos encontros, pois os contos trazem questões centrais, mas o grupo pode aprofundar-se nos pontos mais relevantes naquele momento na vida dos participantes.

A título de exemplo, acerca do conto “A Bela Adormecida”, iniciamos a conversa falando sobre os processos de fechamento de ciclos, o medo da mudança, a transformação inevitável da menina que cresce, o luto diante das grandes mudanças da vida e a postura dos

país na proteção ou descuido da Bela Adormecida; contudo, quem decide qual tema será mais relevante é o próprio grupo.

Cabe informar que sou servidora do TJMG desde 2007, e algumas pessoas sabiam, com curiosidade, dos encontros de mulheres que eu facilitava. Assim, chegamos ao Outubro Rosa de 2024 do TJMG, período em que é promovida uma campanha institucional para que os setores tirem fotografias com as equipes trajando roupas na cor rosa; nesse contexto, uma colega me convidou a desenvolver uma atividade adicional. Como proposto por ela, fizemos quatro encontros nas sextas-feiras do mês de outubro de 2024 com as mulheres da Diretoria Executiva de Tecnologia da Informação e Comunicação (Dirtec), onde atuo como gerente de Operações e Ativos de Tecnologia da Informação e Comunicação. Os encontros aconteceram no auditório e tiveram, em média, 50 mulheres participantes, que foram convidadas por meio de grupos de WhatsApp e pelos corredores. O grupo foi formado por mulheres concursadas e prestadoras de serviço terceirizado de várias áreas, como auxiliares de serviços gerais, copeiras, porteiras, seguranças da área cibernética, desenvolvedoras de *software*, coordenadoras, gerentes, diretora, ou seja, todas aquelas que aceitaram o chamado do trabalho.

Realizamos quatro encontros nas sextas-feiras pela manhã, no horário de trabalho, cada um com duração aproximada de 2 horas, seguindo a seguinte programação:

- **Dia 1:** Apresentação de conceitos acerca de feminino e masculino e explicação do trabalho a ser conduzido. Alguns contratos são firmados no grupo, como ouvir com respeito, não levar para fora do grupo o que foi comentado pelas colegas (“O que acontece em Vegas, fica em Vegas” era o lema), dentre outros.
- **Dia 2:** Debate acerca do texto “A mulher selvagem”, lido previamente. Realização de meditação guiada relacionada ao conteúdo.
- **Dia 3:** Debate acerca do conto “Rapunzel”, lido previamente, e meditação guiada.
- **Dia 4:** Debate acerca do conto “A bela adormecida” e fechamento do trabalho, com espaço para compartilhamento de impressões.

No início, as mulheres participantes não tinham a menor ideia do que viria a ser realizado, e eu, como facilitadora do grupo, sendo gerente de uma das áreas da Dirtec, tinha minhas dúvidas acerca da possibilidade de trocas afetivas em um ambiente profissional. Perguntava-me se as participantes se permitiriam mostrar vulnerabilidade no contato com suas

próprias questões e se debates relevantes ocorreriam naquele espaço.

De fato, as falas que surgiram foram sobre os personagens e suas situações. A título de exemplo, os comentários foram: “como a Rapunzel conseguiu lidar com a falta de experiência com o mundo exterior após sair da torre?” ou “como a rainha precisou buscar nutrição no jardim da bruxa?”. Enfim, as discussões, em geral, foram trazidas no contexto amplo das mulheres, e poucas se manifestavam na primeira pessoa. Algumas pessoas chegaram a chorar, e outras lutaram muito para conter as emoções. Por outro lado, nos corredores, o tema era enfrentado de maneira profunda e pessoal. Muitas mulheres me procuravam quando eu estava sozinha ou em pequenos grupos para falar sobre as reflexões que os contos trouxeram para sua vida privada. Relatavam-se pequenos movimentos que ocorreram em sua vida prática advindos de mudanças na forma de perceber algumas situações abordadas no grupo.

Ao final do último encontro, vieram pedidos para que esse trabalho fosse prolongado. Entretanto, surgiram as demandas do final do ano e, com a autorização da diretora, retomamos os encontros em março de 2025, os quais passaram a ocorrer uma vez por mês. Dessa vez, não mais no horário de trabalho, mas nas sextas-feiras, depois do expediente. Quanto à escolha do dia e horário, cabe ressaltar que o grupo era composto por mulheres concursadas e funcionárias de empresas prestadoras de serviços. Ou seja, além de o encontro não ter sido uma iniciativa institucional, não havia, naquele momento, expectativas de que um acordo de liberação durante o horário de trabalho fosse passível de negociação entre as várias empresas envolvidas. Ademais, como eu atuava como facilitadora do grupo, a sexta-feira era o único dia à noite que não era ocupado por aulas na faculdade. Ou seja, a minha disponibilidade de horários também foi um fator determinante para o grupo. O fato é que o horário tornou a participação mais difícil para algumas mulheres, e o grupo foi formado por 15 mulheres.

Os encontros seguiram com os seguintes temas:

- março – João e Maria;
- abril – Pele de foca, pele da alma;
- maio – Branca de Neve;
- junho – Cada uma apresentou um símbolo que “te leva para casa”;
- julho – Férias;
- agosto – O patinho feio;
- setembro – Cinderela;
- outubro – Chapeuzinho Vermelho;
- novembro – O urso da meia lua;

- dezembro – Encerramento com festa.

Já nesse grupo menor, as pessoas foram se abrindo aos poucos e encontrando coragem para se expor e apresentar suas questões à luz da proposta do conto em estudo.

As informações acima foram relatadas a partir de minhas percepções. Entretanto, nesta pesquisa buscou-se ouvir as participantes e coletar delas as suas impressões.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico proposto visa fornecer elementos para a articulação de questões acerca de três pilares: a literatura de contos de fadas, o processo de individuação teorizado por Carl Gustav Jung e o feminismo com seus atravessamentos das teorias pós-junguianas. Esses pilares são interconectados por meio da análise do uso terapêutico dos contos de fadas.

2.1 A literatura dos contos de fadas

Ao analisar as histórias que atravessam a trajetória da humanidade, pode-se destacar três grandes grupos: os mitos, as fábulas e os contos de fadas. Estes apresentam características estruturais, funções e contextos culturais diversos. Como este trabalho visa tratar a temática dos contos de fadas, estabelece-se um paralelo entre essa forma literária e as demais.

Os mitos se configuram como relatos fundantes da experiência coletiva. De acordo com Paiva (1990), o universo mítico é essencialmente cosmológico e sagrado, operando em um plano sobrenatural, no qual os deuses atuam diretamente na gênese do mundo e nos marcos do desenvolvimento da espécie. Essas histórias não são meras ficções, mas estruturas narrativas que buscam explicar fenômenos da natureza e a própria criação, estabelecendo o lugar do homem diante do divino. O mito funciona, dessa forma, como uma base religiosa e transcendental que organiza a realidade de uma cultura. Ele se diferencia de outras formas literárias por sua profundidade e pela conexão direta com as forças universais.

As fábulas, por sua vez, apresentam-se como estruturas narrativas simplificadas que se distanciam do caráter sagrado dos mitos por possuírem uma função pedagógica e social explícita. Elas funcionam como ferramentas moralizantes, focadas na convivência social e na ética cotidiana. Geralmente protagonizadas por animais que expressam características humanas como a raposa, a tartaruga e a lebre, essas histórias visam reforçar valores éticos ou condutas aceitáveis por meio de uma lição de moral clara. As fábulas se ocupam da orientação do comportamento prático dentro de uma comunidade, geralmente utilizando a metáfora animal para garantir a compreensão direta de suas conclusões educativas.

Conforme define Von Franz ([1970]/1990), o conto de fadas representa a expressão mais pura e simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo, revelando os arquétipos em sua forma mais acessível. Ele se consolida como uma evolução dessacralizada dos mitos, na qual o herói não é mais movido pela vontade direta dos deuses, mas por eventos inusitados que o provocam à transformação. Os contos de fadas são histórias marcantes, que ficam na

nossa memória após a leitura. Schneider e Torossian (2009) afirmam que essas narrativas possuem características específicas, como o uso de magia e encantamentos, tratando de núcleos problemáticos existenciais humanos de forma artística.

O prazer que experimentamos quando nos permitimos ser sensíveis a um conto de fadas, o encantamento que sentimos, não vem do significado psicológico de um conto (embora isso contribua para tal), mas de suas qualidades literárias – o próprio conto como uma obra de arte (Bettelheim, [1976]/2021, p. 21).

Ao estabelecer uma comparação entre os contos de fadas e os mitos, observa-se que, enquanto o mito se ancora no sagrado e na criação do cosmos, o conto de fadas se situa no plano do maravilhoso e do desenvolvimento individual. Embora compartilhem raízes simbólicas, os contos de fadas apresentam uma linguagem mais simples e direta, o que justifica sua perenidade ao longo dos séculos e sua facilidade de compreensão no senso comum, em contraste com a complexidade dos mitos. Conforme observam Port *et al.* (2014), essa sobrevivência temporal é garantida aos contos de fadas pela capacidade de traduzir dilemas universais em uma estrutura que, apesar de utilizar elementos fantásticos, como fadas e animais falantes, mantém-se próxima da realidade psíquica. O conto de fadas, assim, preserva a profundidade mítica, mas a traduz para uma escala humana e acessível, permitindo que o indivíduo se reconheça na jornada do herói. Ou seja, ao ler um conto de fadas, todos podem se reconhecer em figuras como Rapunzel, Branca de Neve, João e Maria, entre outros personagens.

Ao comparar os contos de fadas com as fábulas, por sua vez, percebe-se que o conto de fadas não se limita a uma “moral da história” explícita ou didática, preferindo a via do símbolo. Enquanto a fábula busca o ensino de uma conduta social específica e pragmática, o conto de fadas permite múltiplas camadas de interpretação subjetiva, lidando com conflitos internos que vão além das regras de etiqueta ou comportamento. Os contos de fadas trazem uma riqueza simbólica que faz com que influenciem a cultura global de maneira profunda, tornando-se alvo de releituras contemporâneas de grande alcance comercial, como as produções da Disney, que adaptam esses temas para o público moderno.

Assim, a literatura dos contos de fadas representa um manancial de sabedoria que ultrapassa as barreiras da oralidade e as modificações temporais das civilizações. Mesmo diante das adaptações e do uso comercial, a essência dessas narrativas permanece vinculada às questões relacionadas à busca pelo sentido da vida.

Merege (2010) afirma que os contos de fadas se consolidaram como um elemento da

memória coletiva, fazendo parte do patrimônio cultural de toda a humanidade.

2.1.1 A gênese dos contos de fadas

A origem dos contos de fadas se perde no tempo, e eles se constituem como uma produção coletiva da sociedade, transmitida oralmente de geração em geração. A atemporalidade do conto de fadas e a falta de identificação de um local tornam as histórias universais. O “era uma vez” e o “em um lugar distante” não podem ser identificados no tempo e no espaço. Entretanto, é possível encontrar algumas pistas da origem dos contos.

O que comumente se denomina de conto de fadas ou conto da carochinha são histórias que constituem um legado da tradição oral popular: narrativas transmitidas de geração a geração durante um longo tempo antes de serem, afinal, coletadas e recolhidas em livros. Com isto, os autores desses contos de fadas populares, bem como a época de sua criação, tornaram-se incógnitas irrecuperáveis. E a prolongada difusão oral no seio do povo mais simples fez destas obras um fruto e um bem da coletividade (Volobuef, 1993, p. 100).

Um bom exemplo da gênese popular dos contos de fadas é o caso da Cinderela, como relata Bettelheim ([1976]/2021), cuja origem tem raízes no mundo oriental, onde, culturalmente, as mulheres de pés pequenos são aquelas associadas a grandes virtudes, distinção e beleza extraordinária.

Como informam Schneider e Torossian (2009), os povos celtas, no século II a.C., que surgiram na Europa Central (entre o Atlântico e o Mar Negro), tiveram grande importância na gênese dos contos de fadas tal como são conhecidos hoje. Coelho (2012) acrescenta que os celtas eram povos simples, pastores, que se dividiam em tribos. Eles eram governados por uma casta sacerdotal, os Druidas, e acreditavam no poder da divindade, na imortalidade, na existência de outra vida, na sacralidade da natureza e na existência de mulheres sobrenaturais. Na Idade Média, por volta do século IX, os contos de fadas sofreram a influência da ação da Igreja Católica, havendo, então, uma fusão entre essas duas culturas.

É possível estranhar, ao estudar o tema, que os contos de fadas mais conhecidos, em sua grande maioria, não tenham fadas em sua história. O termo “fada”, como informa Merege (2010), tem origem na palavra latina *fata*, variante feminina de *fatum*, que se relaciona com a deusa do destino, bem como com as moiras tecedoras da mitologia grega. Ou seja, o termo se relaciona àquilo que é falado, às fiandeiras do destino, que, nos contos, são aquelas que predizem o futuro, fornecem conselhos e proteção. Mas também podem ser bruxas, por manifestarem seu lado obscuro, como a bruxa que apresenta a roca para a Bela Adormecida,

indicando a transformação inevitável à qual ela estava destinada.

Assim, em contato com as culturas célticas da Idade Média, os contos de fadas foram influenciados pelos mitos e crenças desse povo. A magia contida nos contos de fadas se tornou objeto de curiosidade pelo fato de ter sobrevivido à era da Inquisição e permanecido viva até os dias atuais.

Nos contos populares medievais, o mundo feudal está representado em toda sua crueza; o marido que brutaliza a esposa (Grisélidis); o pai que deseja a própria filha (Pele de Asno); as grandes fomes que levaram os pais a abandonarem seus filhos na floresta (João e Maria); a antropofagia de certos povos, que se transformaram no gigante comedor de crianças (João e o Pé de Feijão); entre outros (Coelho, 2012, p. 45).

Sabe-se ainda de outros contos que foram publicados no Oriente, como a famosa coletânea “As mil e uma noites”, no século XV, mas divulgada no Ocidente apenas no início do século XVIII.

Alguns autores, como informam Volobuef (1993), Gutfreind (2020), Coelho (2012) e Bettelheim ([1976]/2021), afirmam que os contos não eram destinados ao universo das crianças, visto que as histórias são cheias de violência, canibalismo e tragédias.

Muito embora o conto de fadas seja hoje considerado uma forma de literatura infantil, no passado ele foi, fundamentalmente, um entretenimento para adultos. As histórias eram narradas à noite junto ao fogo nas cabanas dos camponeses ou durante trabalhos manuais realizados em grupo, tais como fiação, conserto de ferramentas, etc. (Volobuef, 1993, p. 100).

Deve-se considerar que pensar nos contos de fadas como histórias para adultos pode parecer estranho, já que, hoje, eles são vistos como literatura infantil. No entanto, é importante acrescentar que o conceito de criança, como o entendemos atualmente, surgiu na era moderna. Portanto, não há como estabelecer com precisão os limites entre a vida adulta e a infantil adotados na época em que os contos foram criados, visto que a criança era tida como um adulto em miniatura.

Para compreender a literatura de contos de fadas que temos hoje, há que se falar em três grandes fontes: Charles Perrault, os irmãos Grimm e Hans Christian Andersen. No quadro a seguir, foi compilado um levantamento de Coelho (2012) e Souza (2005) com as principais informações de cada fonte.

Tabela 1 – Características das principais referências acerca dos contos de fadas

Charles Perrault		
Séc. XVII, na França	As pesquisas chegam a Perrault como autor da primeira coletânea dos contos mais famosos, coletados de histórias populares.	Narrava histórias populares, mas as adaptava conforme a necessidade da corte francesa da época em razão da censura à cultura pagã e da sexualidade humana. No lugar das fadas, incluiu lenhadores, aldeões, damas e cavalheiros.
Publicou o livro <i>Contos da Mãe Gansa</i> (1697), com histórias como “A Bela Adormecida no Bosque”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O Barba Azul”, “O Gato de Botas”, “As fadas”, “Cinderela”, “Henrique do Topete” e “O Pequeno Polegar”. Na segunda publicação, incluiu “Pele de Asno”; “Desejos Ridículos” e “Grisélidis”.		
Irmãos Grimm (Jacon e Wilhelm)		
Séc. XVIII, na Alemanha	Documentaram as lendas e as sagas transmitidas na tradição oral com o auxílio principal de duas mulheres: Katherina Wickmann e Jeannette Hassenpflug.	A violência dos contos de Perrault dão lugar ao humanismo, com solidariedade e amor ao próximo. A agressividade é personificada em personagens como o lobo e a bruxa, mas ganham um final feliz, trazendo esperança.
Histórias que se expandiram para a Europa e as Américas, publicados entre 1812 e 1822, como: “A Bela Adormecida”, “Branca de Neve e os Sete Anões”, “Chapeuzinho Vermelho”, “A Gata Borralheira”, “O Ganso de Ouro”, “Os Sete Corvos”, “Os Músicos de Bremen”, “A Guardadora de Gansos”, “Joãozinho e Maria”, “O Pequeno Polegar”, “As Três Fiandeiras”, “O Príncipe Sapo” e muitos outros.		
Hans Christian Andersen		
Séc. XIX, Dinamarca	Início do romantismo e da exaltação nacionalista. Documentou alguns contos do folclore nórdico e criou outros.	Traz ideais de fraternidade e generosidade, mais voltados para as crianças. Foi influenciado pelas histórias contadas pelo pai, um humilde sapateiro, o que permite identificar em suas histórias um olhar voltado para o sofrimento dos pobres.
168 contos publicados entre 1835 e 1877, sendo as histórias mais conhecidas: “O Patinho Feio”, “Os Sapatinhos Vermelhos”, “O Soldadinho de Chumbo”, “A Pequena Vendedora de Fósforos”, “O Rouxinol e o Imperador da China”, “A Pastora e o Limpador de Chaminés”, “Os Cisnes Selvagens”, “A Roupas Nova do Imperador”, “Nicolau Grande e Nicolau Pequeno”, “A Rainha de Neve”.		

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, os contos de fadas sofreram alterações na medida em que foram se adaptando à cultura local, repassados de forma oral, mas também modificados durante a sua documentação.

O imaginário medieval incorporou todas essas influências, produzindo uma literatura em que o fantástico e o maravilhoso se mesclavam aos ideais e à visão de mundo propagados pelo cristianismo. Ao mesmo tempo, as narrativas que tiveram registro naquele período refletiam, como é natural, a sociedade e o modo de vida da época, ou seja, do mundo feudal, regime vigente nos países em que floresceram as formas literárias relacionadas ao conto de fadas (Merege, 2010, p. 33).

Com o propósito de registrar as histórias do povo simples antes da crescente urbanização, os irmãos Grimm iniciaram um trabalho de documentação. Seu método, no entanto, ia além da simples coleta: eles confrontavam as narrativas orais com fontes literárias, como cita Merege (2010), e, a partir dessas comparações, estabeleciam uma versão dos

contos. Observo aqui que Bombonato (2022) não cita a Katherina Wickmann como uma das principais narradoras, como faz Coelho (2012), mas complementa que Jeanette Hassenpflug e Ferdinand Siebert foram responsáveis por narrar aos irmãos Grimm as histórias que circulavam oralmente.

Jeanette Hassenpflug era uma alemã de origem francesa, familiarizada com a obra de Charles Perrault, e foi responsável por enviar vários contos aos Grimm. Sua familiaridade com o conto de fadas francês é compreendida como uma causa possível de correspondência de alguns contos alemães com Charles Perrault, como por exemplo “Barba Azul” e “Chapeuzinho Vermelho” (Bombonato, 2022, p. 70).

Segundo Coelho (2012), a versão dos irmãos Grimm foi adaptada por eles para se alinhar aos valores da cultura cristã da época. Outras mudanças significativas também foram produzidas pelos Grimm.

Ao contrário de Perrault, entretanto – cujas histórias conservavam o tom cômico do *fabliaux* – os Grimm suavizaram a maior parte dos contos de fadas, o que fizeram, em parte, com base nas críticas de vários intelectuais e escritores daquele tempo. No fim, o material concebido inicialmente para servir de estudos filosóficos e folcloristas acabou sendo expurgado de todo conteúdo “inapropriado para crianças”, como referência a sexo ou gravidez pré-nupcial, além de boa parte do humor jocoso que caracterizava as narrativas orais. Por outro lado, muitos contos conservavam e até intensificavam o grau de violência, enfatizando a punição para os maus, como as irmãs postiças de Cinderela. (Menege, 2010, p. 64)

Por outro lado, sem sombra de dúvidas, como afirma Menege (2010), Perrault foi um grande divisor na história dos contos de fadas. A intenção do autor, entretanto, não era apenas escrever para o público infantil. Ele buscava resgatar os contos folclóricos franceses e trazê-los para a corte francesa, onde havia leituras de romances em salões elegantes por mulheres de alta classe, defensoras dos direitos femininos, que contavam com o apoio de Perrault. O efeito colateral foi que tais contos, documentados inicialmente no livro *Histórias ou contos do tempo passado, com moralidades* (1697), também conhecido como *Contos da Mamã Gansa*, também foram apresentados aos jovens e trouxeram uma forma mais lúdica de orientá-los no aprendizado da moral.

Mais de um século separa os Grimm de Perrault e os tempos são outros. Os folcloristas alemães, já na era do Romantismo, davam um estilo mais suave a suas histórias, amenizando a violência e a crueldade expressas com mais veemência nas coletâneas de Perrault. Para exemplificar, Perrault publicou contos como “Barba Azul”, conhecido por seu caráter “sanguinário”, assemelhando-se em muito a uma história de terror, além da versão de sua autoria de “Chapeuzinho Vermelho”, cujo final termina com o lobo devorando a menina e a avó, em contraste com a de Grimm, que traz a figura do caçador que salva as duas mulheres da barriga do lobo, despejando-o no rio com a barriga cheia de pedras. (Paiva, 2019, p. 26)

Como um exemplo de modificações feitas por Perrault, Bettelheim ([1976]/2021) relata que Cinderela teve o sapatinho de *vair*, palavra francesa que significa pele mosqueada, transformado em sapatinho de *verre*, palavra francesa de pronúncia muito parecida, mas que significa vidro. O autor atribui a Perrault essa modificação, a qual agradaria mais a corte francesa.

Por sua vez, Andersen provinha de uma família humilde, deixando transparecer suas questões de sofrimento em seus mais de 150 contos, sendo o mais relevante deles “O Patinho Feio”. Andersen criou a maioria de seus contos e tem o foco direcionado para o universo infantil.

Contrastando com os demais, Andersen, reconhecido por uma vida pessoal altamente atribulada, o que se refletiu seriamente na sua personalidade, não buscou só nas fontes populares inspiração para editar os seus contos, já que alguns foram criados por ele mesmo, adquirindo uma atmosfera trágica, espelhando em muito a sua problemática pessoal. (Paiva, 1990, p. 27).

Ainda, como cita Bombonato (2022), os contos passaram também por uma recontextualização nas Américas e, conseqüentemente, no Brasil. A tradução chegou aos Estados Unidos por meio de Edgar Taylor, que atribuiu aos contos uma narrativa mais dinâmica, com a exclusão de alguns atos de violência, ou seja, buscou-se uma “sanitização” das histórias. As edições americanas eram mais baratas e continham muitos erros de tradução. Além disso, os livros possuíam muitas imagens, reforçando o processo de juvenização dos contos que ocorreu ao longo do século XX. Assim, os livros foram introduzidos no processo escolar, levando a uma ampla divulgação.

A adoção dos contos de fadas nas escolas chamou a atenção dos estúdios Walt Disney, tornando-se objeto de *marketing* de massa. O próprio Mickey Mouse, grande personagem da Disney, pode ser interpretado como uma versão revisitada do conto dos irmãos Grimm “O Alfaiatezinho Valente”. Segundo Bombonato (2022), na época dos irmãos Grimm, o público via o personagem do alfaiate como alguém suspeito e pouco confiável, que utilizava suas habilidades de forma astuta para obter vantagens pessoais no conto. Diferentemente dessa caracterização, a adaptação da Disney apresenta Mickey Mouse como um personagem mais honesto e inocente, enfatizando valores de moralidade que não estão presentes na versão original.

A jornada do Alfaiate, conforme apresentada na animação, ilustra a escalada social presente no original, aonde o protagonista vai de humilde e pobre trabalhador ao rico nobre por causa de uma combinação de um pouco de sorte, trabalho árduo e

inteligência. A versão dos Grimm atribui o sucesso mais à astúcia do herói, enquanto a animação enfatiza o trabalho árduo. Ao contrário da versão de Grimm, Mickey realmente faz bom uso de suas habilidades como alfaiate para derrubar o gigante. Tesoura no coldre em seu cinto em vez de uma espada, nosso herói amarra as mãos do gigante com a própria manga da túnica do monstro, e depois de um rápido trabalho com a linha, Mickey tomba e derrota seu adversário desesperadamente emaranhado (Bombonato, 2022, p. 131).

Por fim, como retrata Paiva (1990), pode-se concluir que não há como buscar uma versão original de um conto de fadas, dada a natureza oral de sua origem. Ainda, todas as versões seguintes representam um somatório entre a narrativa tradicional e a trajetória histórica dos povos que tiveram a oportunidade de contá-la e recontá-la, incorporando, em seus personagens, falas, situações e elementos culturais próprios.

Podemos inferir que tais modificações não tornaram os contos menos importantes; muito pelo contrário, as modificações enriqueceram os contos, trazendo toda a complexidade humana em símbolos e elementos simples do cotidiano.

2.2 A psicologia analítica de Carl Gustav Jung

Carl Gustav Jung nasceu em Kesswil, Suíça, em 1875, como é informado em Jung ([1976]/2014), tendo se constituído como uma figura de relevância central e um dos teóricos mais proeminentes da psicologia do século XX. Ele se formou em medicina em 1900 pela Universidade da Basileia, tendo atuado na Clínica Psiquiátrica de Zurique. Entre 1933 e 1940, foi presidente da Sociedade Internacional Médica Geral para Psicoterapia, na Alemanha.

Em 1906, começou a corresponder-se com Sigmund Freud, tendo-lhe enviado o seu texto sobre associação de palavras. “O texto de Jung parecia confirmar a ideia central da psicanálise: a existência de um inconsciente dominado pela repressão sexual” (Rowland, [2002]/2024, p. 35). O relacionamento entre eles foi muito além do âmbito profissional, sendo comparável à relação de pai e filho, mas foi rompido em 1913.

Uma divergência fundamental na obra de Jung e Freud, que continua profundamente implícita nas distintas psicologias até hoje: Jung é um teórico da imagem, e Freud, da palavra. Para Jung, a imagem inconsciente era primária; era realidade. A aplicação de “teoria” à imagem do inconsciente poderia corromper seu propósito e função. Imagens são a forma pela qual o inconsciente pensa e fala (Rowland, [2002]/2024, p. 36).

A mãe de Jung, Emilie Preiswerk, nasceu em uma família praticante do espiritismo e ele participava de sessões mediúnicas desde criança. Jung, mais tarde, passou a dirigir as reuniões para aprofundar seus estudos acerca das médiuns. Seu pai era pastor, e Jung

considerava que ele havia perdido o contato verdadeiro com a fé. Tais considerações são importantes, segundo Rowland ([2002]/2024), visto que a sua obra perpassa a tentativa de conciliação com a religião, abordando a questão de Deus, do pecado e também as experiências de sua mãe. Outras influências importantes em sua obra são as viagens que realizou para a África e as Américas, onde se impressionou com a crueldade do colonizador branco e com a grandeza de outras culturas, o que representava um pensamento inovador para a época.

Jung contava com a colaboração de vários autores, sendo Marie Louise Von Franz, de Zurique, conforme Jung ([1964]/2016), a sua mais íntima amiga e confidente. Jung morreu em 1961, na cidade de Küsnacht, aos 85 anos, e suas contribuições estenderam-se para além da clínica, influenciando diversas áreas do conhecimento.

2.2.1 O processo de individuação

Era uma vez uma semente de pinheiro que não conhecia todo o seu potencial, mas que guardava em si, de forma latente, a futura árvore. Essa semente buscava crescer, mesmo vivendo em caminhos tortuosos de um terreno inclinado. Ela também se fortalecia na busca por água e suprimentos para sua nutrição. Um dia, a semente realizaria todo o seu potencial e se tornaria um grande pinheiro, mas, durante o processo de desenvolvimento, a ideia de se tornar árvore ainda era algo abstrato. Jung ([1964]/2016) lança mão dessa metáfora para explicar o processo de integração do *self*. Ou seja, o *self* é a totalidade absoluta da psique, que buscamos em um processo denominado por ele de individuação. Entretanto, o processo de individuação no indivíduo difere do da semente, pois aquele sofre uma intervenção ativa e criadora suprapessoal. Essa intervenção não vem do ego, e sim da totalidade da psique, isto é, do *self*.

Cabe destacar que todos nós estamos em uma jornada de aprendizado, em um processo de individuação, que tem como objetivo gerar o *individuum* psicológico, ou seja, a totalidade indivisível da psique (o *self*). Nesse percurso natural da vida, no qual o indivíduo se torna o que sempre foi, alguns estão mais, e outros menos, conscientes dessa transformação. Ou seja, de alguma forma, aquela semente lançada à vida, que carrega em si o potencial para se tornar um grande pinheiro, está caminhando para concretizar o seu potencial de totalidade.

Para Jung, a estrutura psíquica humana inclui o ego e os inconscientes. Ou seja, lançando luz sobre o conceito de inconsciente, segundo Jung, podemos encontrar dois conceitos importantes: o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. No inconsciente

peçoal residem vários conteúdos psíquicos reprimidos ou esquecidos, que são próprios da história individual do sujeito, incluindo lembranças, impulsos, conclusões, premissas e impressões que não alcançam o limiar da consciência. No inconsciente pessoal estão guardados “alguns dos nossos pensamentos que perdem a sua energia emocional e tornam-se subliminares porque parecem ter deixado de nos interessar e não têm mais ligação conosco, ou então por existir algum motivo para que desejemos afastá-los de vista.” (Jung, [1964]/2016, p. 41).

Por sua vez, o inconsciente coletivo, conforme afirma Jung ([1976]/2014), é uma camada mais profunda que transcende o indivíduo, abrigando imagens e conteúdos universais, denominados arquétipos, que são herdados ancestralmente e partilhados por toda a humanidade. Os arquétipos são representações coletivas, conteúdos psíquicos que não são submetidos a qualquer elaboração consciente e que, quando simbolizados, passam a influenciar tanto o inconsciente individual quanto o ego. “Se o arquétipo aparece no aqui e agora do espaço e do tempo, se pode ser percebido na consciência de alguma maneira, então estamos falando de símbolos.” (Jacobi, [1957]/2016, p. 91) Assim, os arquétipos são estruturas psíquicas herdadas e preexistentes à consciência individual, que se manifestam por meio de símbolos.

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos (Jung, [1976]/2014, p. 51).

Samuels ([1985]/2024) afirma que a teoria dos arquétipos de Jung surgiu de sua autoanálise e da observação de pacientes psicóticos no Hospital Burghölzi. Dessa forma, “ele descobriu que as imagens se organizavam em padrões que lembravam mitos, lendas e contos de fadas, e que o material imaginário não se originava de percepções, memória ou experiência consciente” (Samuels, [1985]/2024, p. 65). A partir de 1946, Jung passa a estabelecer uma distinção clara entre arquétipos e imagem arquetípica, sendo esta última preenchida pelas experiências e emoções individuais, que apresentam polaridades de aspectos positivos e negativos. Assim, a imagem arquetípica do pai pode ser percebida como o pai forte e admirado, mas também como o pai tirano e dominador.

Devido à complexidade da psique humana, existe uma infinidade de arquétipos que atuam como representações universais no inconsciente coletivo. Pode-se pensar em alguns arquétipos importantes em uma perspectiva que parte do exterior para o interior, como sugere Samuels ([1985]/2024): a *persona*, que, por analogia ao teatro de máscaras, representa a máscara social que colocamos para enfrentar o mundo; a *sombra*, que representa aquilo que cada indivíduo teme, despreza e não pode aceitar em si mesmo, incluindo aspectos positivos e negativos; os arquétipos contrassexuais *ânima* e *ânimus*, sendo o feminino no homem e o masculino na mulher, respectivamente; e, por fim, o mais profundo, que é o si-mesmo, responsável por organizar outras experiências arquetípicas.

Embora os arquétipos residam no inconsciente coletivo como formas universais e vazias, eles se transformam em complexos no inconsciente pessoal quando o indivíduo projeta suas experiências biográficas, memórias e cargas afetivas sobre a estrutura arquetípica, conferindo-lhe uma roupagem única e particular que passa a habitar sua história pessoal. Ou seja, os complexos são “temas emocionais reprimidos capazes de provocar distúrbios psicológicos permanentes ou mesmo, em alguns casos, sintomas de neuroses” (Jung, [1964]/2016, p. 28)

Dentre estes, destacamos os arquétipos *ânima*, *ânimus* e *sombra*, cujos conceitos serão aprofundados neste estudo, visto que são os que mais aparecem na literatura analisada, especialmente em Von Franz ([1964]/2016). Entretanto, cabe ressaltar que os contos de fadas, que tratam da temática desta pesquisa, apresentam uma infinidade de arquétipos não citados, como a mãe, o velho sábio, o herói, a criança e outras diversas representações.

Conforme Von Franz ([1964]/2016), *ânima* é o elemento feminino que há em todo homem, sendo a personificação de todas as tendências psicológicas femininas em sua psique. O caráter da *ânima*, isto é, a forma como ela se expressa na consciência, é determinado pelo contato com mulheres, entendendo a mãe como uma influência particularmente importante, e pelo arquétipo da *ânima*. Ou seja, se o homem percebe a sua mãe de maneira negativa, sua *ânima* se apresentará de forma irritada, depressiva, incerta, insegura e suscetível. Por outro lado, caso ele consiga dominar o seu lado negativo, a *ânima* pode servir para fortalecer a sua masculinidade. Entretanto, também diante de uma experiência de superproteção materna, a *ânima* do homem pode torná-lo incapaz de enfrentar as dificuldades da vida, tornando-o melindroso ou excessivamente sensível. Nesse caso, a saída é reconhecer a *ânima* como um grande poder interior, desenvolvendo e integrando o próprio ser, em direção a uma maior integração com a realidade. Por outro lado, a *ânima* assume, em seu lado positivo, um

importante papel de guia tanto para o mundo interior quanto para o *self*.

O *ânimus*, segundo Von Franz ([1964]/2016), sendo a personificação masculina do inconsciente da mulher, aparece geralmente como uma convicção secreta “sagrada”. Pode-se perceber uma mulher com o seu *ânimus* em desequilíbrio pela posição obstinada, fria e totalmente inacessível. Ele não pode ser contrariado, pois está sempre certo. A mulher pode ouvir uma voz interior que lhe diz que não tem salvação e que não vale a pena fazer nada para mudar. Entretanto, quando a mulher enfrenta a realidade do *ânimus*, pode encontrar um companheiro interior precioso, que lhe confere iniciativa, coragem, objetividade e sabedoria espiritual.

Por sua vez, a sombra, conforme Von Franz ([1964]/2016), representa qualidades e atributos desconhecidos do ego. Quando se entra em contato com a sombra, surge a necessidade de readaptação das atitudes conscientes, como uma forma de reagir às críticas do inconsciente. A relação com a sombra pode trazer tanto efeitos positivos quanto negativos, a depender da forma como nos propomos a nos relacionar com ela. Ao ignorá-la ou não buscar compreendê-la, ela poderá se tornar hostil e inundar o indivíduo com pensamentos autodepreciativos. No processo de autoconhecimento, realiza-se o encontro consigo mesmo, como cita Von Franz ([1976]/2014), que é o encontro com a própria sombra. Esse encontro pode ser uma dolorosa descida a um poço profundo, mas, para sabermos quem somos, é preciso mergulhar nas incertezas e lidar com a quebra das ilusões sobre nós mesmos.

Tabela 2 – Comparação entre os três arquétipos: *ânima*, *ânimus* e sombra

<i>Aspecto</i>	<i>Ânima</i>	<i>Ânimus</i>	<i>Sombra</i>
Definição	Porção feminina no homem. Conexão com o mundo interior.	Porção masculina na mulher. Conexão com o mundo exterior.	Aspectos e impulsos reprimidos ou rejeitados do ego. Comportamentos inaceitáveis, características não integradas.
Formação	Criado a partir da percepção que o homem tem da sua mãe e de outras mulheres, bem como das influências do inconsciente coletivo.	Criado a partir da imagem que se tem do pai e de outros homens, bem como das influências do inconsciente coletivo.	A partir da repressão de aspectos da personalidade, bem como das influências do inconsciente coletivo.
Conexões simbólicas	Figuras femininas, deusas, sacerdotisas, figuras maternas ou místicas. Yin.	Figuras masculinas, heróis, mentores, figuras de ação ou intelectuais, assaltantes. Yang.	Animais, figuras ou impulsos considerados o lado obscuro da personalidade. Bruxas.
Aspectos negativos	Fantasia ou inclinações eróticas, fragilidade do mundo interior, mau humor, instabilidade emocional.	Convicção secreta sagrada, intransigência, frieza, calculismo, malícia.	Autodepreciação, sentimento de culpa, raiva, medo de ser “descoberto”, julgamentos.
Aspectos	Intuição, sensibilidade,	Iniciativa,	Impulsos construtivos,

positivos	capacidade de amar, integração, conexão, fortalecimento do mundo interior.	coragem, sabedoria espiritual, honestidade, capacidade de executar, cognição, razão.	autocrítica, honestidade emocional.
Função na individuação	Guia para o mundo interior, ajudando na integração emocional.	Pode lançar uma ponte para o <i>self</i> por meio da atividade criadora.	Apresenta conteúdos à consciência e convida à mudança.

Fonte: Elaborado pela autora.

Diante de todos esses elementos constituintes da psique humana, o processo de individuação passa pela integração desses conteúdos. Dessa forma, para Jung ([1971]/2013), a natureza determinada e dirigida da consciência é uma aquisição muito importante. Ele observou que o inconsciente se comporta de maneira compensatória ou complementar em relação ao consciente, havendo uma permeabilidade entre seus conteúdos. Assim, não se deve condenar os conteúdos do inconsciente; pelo contrário, deve-se reconhecer a sua importância para a compensação da unilateralidade da consciência. Nessa abordagem, o indivíduo se torna mais capaz de se realizar quando consegue unir a consciência e o inconsciente e, assim, chegar a uma nova atitude. A esse processo Jung dá o nome de função transcendente.

A função transcendente, conforme define Jung ([1971]/2013), não é algo misterioso ou metafísico, mas uma função psicológica que resulta da união dos conteúdos conscientes e inconscientes, promovendo a emergência de novas situações ou estados de consciência. Jung ([1971]/2013) acrescenta que, quando as partes inconscientes da personalidade se tornam conscientes, produz-se uma assimilação dessas partes, e o ego se vê transformado. Assim, “a função transcendente possibilita também trazer mais vitalidade à vivência humana por meio da assimilação dos símbolos numinosos, carregados de energia psíquica, bem como da adequação dessa energia ao momento atual da vida do indivíduo” (Kaitel, 2019, p. 74). “[O numinoso] é uma existência ou um efeito dinâmico não causado por um ato arbitrário. Pelo contrário, ele se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do seu criador” (Jung, [1938]/2021, p. 19)

Os sonhos, os contos de fadas, os mitos, dentre outros, são cheios de símbolos, e o contato com eles nos permite realizar a função transcendente e promover a aproximação com o inconsciente.

Por vezes, sentimos que o inconsciente nos está guiando de acordo com um desígnio secreto. É como se algo nos estivesse olhando, algo que não vemos, mas que nos vê a nós — talvez o Grande Homem que vive em nosso coração e que, através dos sonhos, nos vem dizer o que pensa a nosso respeito (Jung, [1964]/2016, p. 214).

Por fim, concluímos que, para Jung, o contato com o símbolo permite acesso aos conteúdos do inconsciente, ou, em seus termos, permite constelar a energia inconsciente. Assim como nos contos de fadas, durante o processo de individuação, vencemos quando integramos as bruxas (sombras e/ou *ânima*) e realizamos o casamento sagrado entre o feminino (a princesa) e o masculino (o príncipe). Então, nos cabe buscar alcançar no trajeto da existência o nosso “felizes para sempre”.

2.2.2 Os pós-junguianos e o feminismo

Samuels ([1985]/2024) faz uma reflexão acerca da expressão “junguianos”, afirmando que Jung reivindicava o título de junguiano apenas para si próprio e se recusava a criar uma escola junguiana ou qualquer tipo de sistematização. Entretanto, os seguidores de Jung, ditos junguianos, criaram, em 1922, o Clube de Psicologia Analítica de Londres, e, em 1945, foi constituída a Sociedade de Psicologia Analítica, com uma visão mais profissionalizante.

Quanto ao termo “pós-junguianos”, Samuels ([1985]/2024) comenta que se trata de uma analogia ao termo “pós-freudianos”.

Desde a morte de Jung, em 1961, houve uma explosão da atividade profissional criativa na psicologia analítica. Em 1985, cunhei o termo “pós-junguiano”. Não tinha em mente o pós-modernismo. Estava pegando emprestado de um livro bem conhecido chamado Freud e os pós-freudianos (Samuels, [1985]/2024, p. 544).

Ao analisar a trajetória dos pós-junguianos, Samuels ([1985]/2024) identifica três grupos. O primeiro, da escola clássica, com maior foco no si-mesmo e na individuação; o segundo grupo, de uma escola desenvolvimentista, com maior foco nos efeitos da infância e da juventude no desenvolvimento da personalidade; por fim, o terceiro grupo, da escola arquetípica, com maior ênfase na exploração de imagens no processo terapêutico. Ou seja, ao se falar de pós-junguianos, entra-se em um vasto campo de pensadores, de seara extremamente plural e no qual é difícil estabelecer consensos. Dessa forma, diante da complexidade de tratar os debates pós-junguianos e com o objetivo de delimitar o escopo deste trabalho, a análise das discussões pós-junguianas será direcionada ao tema do feminismo.

Diante do exposto, ao analisar o papel das mulheres no desenvolvimento de sua abordagem, se poderia supor que Jung adotaria uma posição feminista, visto que teve como braço direito uma mulher, Marie-Louise Von Franz. Além disso, sua esposa, Emma Jung, tornou-se diretora do C. G. Jung Institute de Zurique. Entretanto, Emma Jung, apesar de ser

mãe de cinco filhos, estudar latim e grego, produzir profundos estudos acerca da Lenda do Graal e atuar como supervisora e analista, em suas cartas para Freud revela incômodos do espírito do tempo em que vivia:

Em suas cartas para Freud, Emma deixa claro como se sentia diminuída frente ao poder do marido e ressentia-se de um certo isolamento. Queixava-se das paixões das mulheres por Jung, do tratamento maternal que os homens lhe dispensavam, assim como do fato de ser vista somente como mulher ou aluna do mestre-pai (Ramos, 2020, p. 8).

Ainda, em sua teoria, Jung defende que a *ânima* e o *ânimus*, o feminino e o masculino, o *Ying* e o *Yang*, bem como o Logos e o Eros coexistem em uma relação complementar na psique humana. A sua teoria deixa clara uma característica de bissexualidade da psique em um período em que não havia os debates acerca da identidade de gênero como temos hoje. Dessa forma, a visão acerca do hermafroditismo psíquico mostra-se inovadora para a época.

Na medida em que a cultura se desenvolve, o ser originário bissexual torna-se símbolo da unidade da personalidade do si-mesmo, em que o conflito de entre os opostos se apazigua (Jung, [1976]/2014, p. 177).

Tal desenvolvimento teórico traz inovações importantes para o reposicionamento da mulher na sociedade, apontando para uma potencial igualdade. Entretanto, quando Jung deixa de tratar dos valores e avança para as questões de comportamento, suas proposições se entrelaçam com o contexto cultural da época, que está imbricado em uma sociedade patriarcal e machista.

A percepção básica de Jung era que existe uma dicotomia fundamental na humanidade, na cultura humana e na psicologia e “Logos” e “Eros” expressam isso. Ambos são igualmente valiosos – não há sugestão contrária nos escritos de Jung. Mas, quando tenta associar gênero a esses dois princípios, provoca confusão e preconceito (Samuels, [1985]/2024, p. 417).

Dessa forma, Jung apresenta, em sua obra, algumas formulações que hoje podem ser interpretadas como preconceituosas. No capítulo intitulado “A mulher na Europa”, em Jung ([1974]/2013), o autor deixa clara a dualidade de seu pensamento acerca do tema do feminismo. Ou seja, por um lado, apresenta uma ideia inovadora de uma psique bissexual e, ao mesmo tempo, mantém um olhar influenciado por perspectivas patriarcais.

Mas, como o ser humano reúne em si elementos masculinos e femininos, pode acontecer que um homem viva a parte feminina, e uma mulher a parte masculina. No homem, o elemento feminino fica relegado ao plano de fundo, acontecendo o

mesmo com o elemento masculino na mulher. Quando se vive o que é próprio do sexo oposto, vive-se, em suma, no plano do fundo, com prejuízo do plano que é o essencial. O homem deveria viver como homem e a mulher como mulher (Jung, [1974]/2013, p. 129).

Dentro desse contexto, Rowland ([2002]/2024) também reforça essa dualidade de Jung acerca do feminismo. A autora relata que, apesar de apresentar uma visão por vezes misógina, Jung defende que o mundo está em sofrimento porque vive de forma unilateral sob um sistema patriarcal destrutivo. A autora ainda destaca que suas falas consideradas preconceituosas eram influenciadas pelos papéis de gênero estabelecidos no início do século XX. Há que se ponderar também que a visão biologicista era hegemônica na época e que as questões de gênero não eram debatidas como hoje. Havia outro paradigma posto na cultura, acerca do darwinismo social e da ideia de que existiriam raças e gêneros superiores aos demais.

Ou seja, o tema do feminismo não tinha voz na época de Jung. Ao analisar o feminismo em ondas, como proposto por Lima (2025), a primeira onda, conhecida como feminismo de direitos, ocorreu no final do século XIX e início do século XX, concentrando-se na conquista do direito ao voto, à propriedade e à igualdade jurídica, combatendo principalmente as desigualdades formais impostas às mulheres. Foi apenas após essa primeira onda que se pode inferir algum impacto na teoria junguiana, visto que a teorização de Jung se iniciou com suas comunicações a Freud em 1906, ou seja, já no século XX. Assim, é da cultura da época o surgimento das primeiras discussões acerca dos direitos das mulheres, ainda ofuscadas pela força do patriarcado.

A segunda onda, que emerge na década de 1960, está ligada ao feminismo reformista, voltado à contestação das normas sociais, culturais e institucionais que perpetuavam a opressão de gênero, ampliando o foco para questões de sexualidade, trabalho, corpo e direitos reprodutivos. Já a terceira onda, iniciada na década de 1990, representa um feminismo mais plural, que busca preencher lacunas das fases anteriores e reconhece as múltiplas identidades, interseccionalidades e diferentes experiências de vida, valorizando a diversidade e a complexidade das opressões, além de questionar padrões eurocêtricos e normativos. É importante destacar que Jung não vivenciou os períodos correspondentes à segunda e à terceira ondas, visto que faleceu em 6 de junho de 1961.

Rowland ([2002]/2024) afirma que a leitura feminista da teoria junguiana foi desenvolvida posteriormente por autores pós-junguianos, que também atribuem a percepção do *ânimus* negativo à influência da repressão exercida pelo pensamento patriarcal.

Posteriormente, as feministas junguianas abandonaram a natureza reducionista da identificação de Jung de sexo e gênero, alegando que o masculino e o feminino são princípios puramente arquetípicos e disponíveis para ambos, homens e mulheres (Rowland, [2002]/2024, p. 109).

Assim, as contribuições pós-junguianas se acercam da visão mais ampla de gênero.

Alguns pós-junguianos têm revisado a concepção dos arquétipos anima e animus, bem como a dinâmica psicológica relacionada a homens, mulheres, pessoas não binárias e suas identidades e interações. Eles reconhecem que, embora Jung tenha introduzido uma visão inovadora sobre gênero na psicologia, ele também foi influenciado por seu contexto social e pelas normas da época (Gimenez, 2025, p.4).

Por fim, não há como destacar as teorias de seu contexto histórico. O feminismo pós-moderno busca rejeitar o papel do essencialismo de gênero e promover uma redefinição das narrativas. Ainda há muito o que se conquistar nesse sentido, mas é possível pensar, conforme Gimenez (2025), que essa abordagem crítica dialoga com as correntes pós-junguianas na psicologia analítica e permite revisitar a compreensão dos arquétipos de *ânim*a e *ânim*us, bem como das dinâmicas de gênero.

2.2.3 *O feminismo pelo arquétipo trickster*

Gimenez (2025) apresenta um debate acerca do feminismo dentro dos conceitos junguianos por meio da observação do arquétipo *trickster*. Esse arquétipo, como elemento do inconsciente coletivo, possibilita muitas reflexões acerca da trajetória da mulher na sociedade.

O *trickster* é um arquétipo que Jung ([1976]/2014) descreve como uma figura paradoxal, pois incorpora simultaneamente aspectos criativos e destrutivos, benevolentes e maliciosos. Ele representa a capacidade da psique humana de subverter a ordem estabelecida e, por isso, provocar transformações. Podem-se perceber, em suas características, a impulsividade, a resistência à disciplina, a criatividade, a renovação, a flexibilidade, o humor, a trapaça, a engenhosidade, dentre outros aspectos. A partir dessas características, pode-se destacar que os personagens que representam o *trickster* geralmente conseguem ver as situações por outro ângulo, o que os ajuda a subverter a ordem posta. Pode-se atribuir a esse arquétipo personagens como Mercúrio (deus Hermes), o Bobo da Corte, o Palhaço, o Louco, o Saci Pererê, o Exu-Mirim, bem como o recente Pernalonga.

Os traços “tricksterianos” de Mercúrio têm alguma relação com certas figuras folclóricas sobejamente conhecidas nos contos de fada: Dunga, o João Bobo e o Palhaço, que são heróis negativos, conseguindo pela estupidez aquilo que outros não conseguem com a maior habilidade. No conto de Grimm, o espírito de Mercúrio é

burlado por um jovem campônio, sendo forçado a comprar a sua liberdade com o dom precioso da arte de curar (Jung, [1976]/2014, p. 257).

O *trickster*, portanto, é um agente de transformação que provoca confusão e ruptura, não por malícia gratuita, mas porque a desordem que cria, apesar de incômoda, é também uma fonte de renovação e criatividade.

A pergunta que se destaca aqui decorre do fato de que, comumente, os personagens *trickster* são representados como homens, o que permite ampliar a reflexão acerca dessa questão. Lima (2025, p. 28) nos conta que “a ideia do feminismo no singular pausa, portanto, na perspectiva de que há algo que une mulheres plurais, e esse algo se relaciona com o fato de que todas nós estamos no campo de força da violência, da opressão e do silenciamento”. Diante do exposto, seria possível, no contexto histórico de Jung, pensar em mulheres *trickster* de forma positiva? Ou seja, entendê-las como agentes de mudança? Ou seria apenas possível atribuir tal arquétipo à mulher pós-moderna?

Gimenez (2025) apresenta que há fatores que se constituem como elementos-chave nessa nova visão arquetípica que ela propõe sobre a figura revisitada da *trickster*, tornando-a possível de ser imaginada nos dias atuais.

Tradicionalmente, a *trickster* é uma personagem que desafia normas sociais e valores estabelecidos, usando o humor e a irreverência para subverter. No contexto contemporâneo, esse arquétipo pode ser examinado à luz das teorias psicológicas pós-junguianas que reconhecem a complexidade da psique humana e a influência do inconsciente coletivo (Gimenez, 2025, p. 5).

A *trickster* pós-moderna, segundo Gimenez (2025), adota atitudes subversivas e transformadoras, rejeita o papel de vítima e utiliza o humor como força criativa, desafiando as escolhas e hipocrisias das figuras de poder. Ela busca desenvolver a autoridade (capacidade de ser criadora genuína de imagens dentro de seu próprio mundo imaginativo, de forma autêntica), a autonomia (liberdade de escolher conscientemente seu comportamento intencional), o agenciamento (capacidade de agir de forma potente) e a assistência social (atuação como agente de transformação cultural). Entretanto, as mulheres questionadoras sempre incomodaram e até hoje são vistas sob tons pejorativos, expressos em comentários do tipo “está de TPM hoje”, “acordou histórica”, “está louca”, dentre tantos outros que ainda circulam socialmente.

Como todo arquétipo, na abordagem junguiana, possui polaridades positivas e negativas, a mulher *trickster* também pode apresentar aspectos negativos. Por ser subversiva, pode manifestar-se na polaridade do caos em excesso, não sabendo lidar com o equilíbrio e a

paz. Por ter que se defender constantemente de violências, a mulher *trickster* pode buscar inverter a lógica da dominação e se tornar o opressor da vez. Nesse contexto, torna-se difícil não ponderar que é um grande desafio, no mundo atual, deixar de guerrear e ser subversiva na defesa de sua autenticidade, visto que ainda há muito do que se defender e o que compreender acerca de seu papel no mundo.

A proposta trazida neste estudo não é a de criticar as teorias de Jung a partir dos parâmetros contemporâneos do feminismo. Propõe-se, portanto, uma abordagem feminista pós-moderna, a partir de uma base teórica junguiana, na qual a mulher *trickster* possa ser concebida como possibilidade legítima. Ressalta-se que não há atitude mais *trickster* do que reunir um grupo de mulheres no Tribunal de Justiça de Minas Gerais para falar de questões pessoais que buscam trazer luz ao processo de individuação de cada uma.

2.3 Os contos de fadas e sua função terapêutica

Inicialmente, os contos de fadas foram analisados sob a perspectiva simbólica por vários autores, mas dois autores tiveram grande relevância no tema. Marie-Louise von Franz publicou, em 1970, o livro *Interpretation of Fairy Tales (A interpretação dos contos de fadas)*, trazendo a análise sob a ótica das teorias analíticas de Carl Gustav Jung. Por sua vez, Bruno Bettelheim, em 1976, publicou o livro *The Uses of Enchantment (A psicanálise dos contos de fadas)*, trazendo o olhar sobre as histórias na perspectiva das teorias freudianas. Ambos os livros foram publicados na cidade de Nova York, Estados Unidos, e trouxeram um novo sentido para as histórias. Cabe destacar que Von Franz também escreveu outros livros acerca da temática dos contos de fadas, como *Animus and Anima in Fairy Tales*, *Archetypal Patterns in Fairy Tales*, *The Feminine in Fairy Tales* e *Individuation in Fairy Tales*, dentre outros. Quanto a Bruno Bettelheim, não foram identificadas outras obras diretamente correlatas à temática específica dos contos de fadas.

Tanto Bettelheim ([1976]/2021) quanto Von Franz ([1970]/1990) apontam que os contos de fadas trazem situações complexas e dilemas existenciais de forma breve e incisiva. O conto simplifica essas situações, trazendo em seus personagens os aspectos polarizados que existem em cada um de nós. Assim, o lobo mau precisa ser suficientemente mau para que possamos nos identificar com a maldade que há em nós. A donzela, igualmente, deve ser ingênua o suficiente para que, por meio da polarização, possamos nos identificar com os nossos aspectos ingênuos. Tanto as nossas qualidades quanto as nossas sombras são representadas nos personagens e permitem a visualização de conflitos internos de forma mais

simples.

Ao contrário do que acontece em muitas histórias infantis modernas, nos contos de fadas o mal é tão onipresente quanto a virtude. Em praticamente todo conto de fadas, o bem e o mal são corporificados sob a forma de alguns personagens e de suas ações, uma vez que o bem e o mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo homem. É essa dualidade que coloca o problema moral e requer a luta para resolvê-lo (Bettelheim, [1976]/2021, p. 16).

Nesse universo simbólico, o “era uma vez” nos leva para um tempo não identificado. Da mesma forma, a expressão “em um mundo distante” nos leva para um lugar desconhecido, e o grande herói é constituído por pessoas comuns, como nós, o que nos insere nessa trama que, como diz Hisada (2007), acaba por abrir as portas para um mundo mágico, onde tudo pode acontecer.

Para Von Franz ([1970]/1990), os contos de fadas são a expressão mais pura e simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo. Assim, conforme a autora afirma, os contos de fada tentam descrever um fato psíquico complexo, deixando vazios tão paradoxais quanto nos sonhos. Pode-se exemplificar isso pelo fato de o conto não se preocupar em explicar como Rapunzel entrou na torre, visto que não há portas, escadas ou outro acesso que não seja pelos seus cabelos. De forma correlata, nos sonhos, ora estamos em um lugar e, em seguida, aparecemos em outro, e parece haver algo de mágico nisso. Tal similaridade com os processos psíquicos do inconsciente possibilita a utilização dos contos de fadas como ferramentas muito úteis em processos terapêuticos. Corroborando com essa visão, a literatura aponta para a eficiência do uso dos contos de fadas em processos terapêuticos, tanto em grupos (Gutfreind, 2020) quanto de forma individual (Hisada, 2007).

Nesse contexto, Hisada (2007) e Gutfreind (2020) desenvolveram importantes trabalhos no universo infantil, ambos pautados em Winnicott e na psicanálise. Apesar de não abordarem a psicologia junguiana, foco deste trabalho, as duas experiências são apresentadas como relevantes na literatura específica. Para esses dois autores, os contos oferecem representações importantes para os conflitos centrais da criança. Assim, o medo passa a ser nomeado como bruxa, lobo ou dragão, e a criança passa a saber o que deve ser feito com ele. Quando as angústias não encontram palavras para serem expressas, o mundo simbólico dos contos, atuando como representações coletivas, oferece personagens para que possamos projetar neles as nossas questões íntimas.

Outro exemplo de utilização de contos de fadas em processos terapêuticos é o trabalho de Gutfreind (2020), que criou o Ateliê do Conto, na França, para intervir junto a um grupo de

crianças separadas de seus pais por tempo prolongado e vivendo em instituição pública. Esse trabalho também foi conduzido entre 2002 e 2004, no Município de Canoas, na região metropolitana de Porto Alegre, com crianças de uma escola municipal em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Os resultados foram bastante positivos, dentre os quais se destaca o caso relatado de uma criança de nove anos, com depressão e ideações suicidas, que se tornou mais integrada e menos violenta. Seus desenhos deixaram de apresentar cores escuras e passaram a ser mais coloridos ao longo das intervenções. Pouco tempo depois, Gutfreind reaplica o Ateliê do Conto com idosos e relata a experiência de Dona Zenaide em sua obra.

Minha história é muito dura. Igualzinha à desses contos. Perdi a mãe, perdi a vó, me criei meio sozinha neste mundo. Não tive viva alma que me contasse uma história. Esse mês eu tive. Gostei tanto que comecei a contar para a minha neta (Gutfreind, 2020, p. 198).

Por sua vez, Alves (2007) realizou uma pesquisa com intervenção junto a crianças vítimas de violência, utilizando, como instrumento terapêutico, os contos de fadas. As histórias apresentadas às crianças traziam personagens – heróis ou heroínas – que vivenciavam processos de rejeição ou punição por parte de figuras de autoridade, como a madrasta ou a bruxa. Assim, foi possível observar uma maior identificação das crianças que sofrem as consequências da violência.

Neste sentido, pôde-se perceber que a narrativa, durante as sessões, operou como um eco, produzindo ações que expressam uma realidade interna e uma realidade externa (a da própria vida concreta da criança, como a punição física). É possível que o conto, enquanto uma metáfora, tenha oferecido um distanciamento seguro que possibilitou à criança chegar até seus conflitos sem que se sentisse ameaçada, o que sugere o potencial terapêutico dos contos (Alves, 2007, p. 177).

Complementarmente, Hisada (2007) compreende a história como uma forma de brincar, conferindo-lhe uma plasticidade que permite sua utilização como ferramenta terapêutica para metaforizar as questões íntimas. A autora afirma que as histórias podem ser utilizadas em processos terapêuticos tanto em crianças quanto em adultos, de acordo com suas necessidades e capacidades de elaboração dos conteúdos acessados.

O conteúdo do conto escolhido [nas sessões de tratamento] normalmente não tem nada a ver com a vida exterior do paciente, mas muito a ver com seus problemas interiores, que parecem incompreensíveis e, portanto, insolúveis. O conto de fadas claramente não se refere ao mundo exterior, embora possa começar de forma bastante realista e ter traços do cotidiano inscritos nele. A natureza irreal desses contos (à qual objetam os racionalistas de mente estreita) é um artifício importante,

porque torna evidente que o que interessa aos contos de fadas não é a informação útil sobre o mundo exterior, mas os processos interiores que têm lugar num indivíduo (Bettelheim, [1976]/2021, p. 36).

Assim, ao entrar em contato com uma história, pode-se deparar com pontos que são sensíveis para cada indivíduo. Como exemplo, o abandono essencial, arquetípico presente na história de João e Maria, pode ser mais relevante para aquela pessoa que passou por situações de abandono do que para aquela que não passou por essa experiência. Ao passo que, na mesma história, a escassez vivida pela família de João e Maria pode sensibilizar aquele indivíduo que vivenciou ou vivencia momentos de escassez. O fato é que as histórias possibilitam o resgate de vivências que podem se tornar importantes ferramentas terapêuticas.

Imagine que você tenha vivenciado algo muito complexo, que seja impossível traduzir em palavras. Você tenta explicar, mas toda explicação se mostra insuficiente. Então, o conto de fadas oferece uma forma por meio da qual aquela vivência complexa passa a ter um significado e encontra um sentido. Segundo Von Franz, essa vivência corresponde ao próprio processo de individuação, no qual buscamos integrar o *self*.

Depois de trabalhar muitos anos neste campo, cheguei à conclusão de que todos os contos tentam descrever apenas um fato psíquico, mas este fato é tão complexo, difícil e distante de se representar em seus diferentes aspectos, que centenas de contos e milhares de versões são necessários até que esse fato desconhecido penetre na consciência sem que isso consiga exaurir o tema. Este fato desconhecido é o que Jung chama de *self*, que é a totalidade psíquica de um indivíduo (Von Franz, [1970]/1990, p. 10).

Assim, é possível dizer que o indivíduo pode reconhecer em si a angústia que Chapeuzinho Vermelho sentiu ao estar na barriga do lobo, ou que vivencia um medo tão intenso diante de mudanças que se assemelha ao estado de suspensão da Bela Adormecida, ou ainda que é notório, em seu dia a dia, o sentimento de inadequação do Patinho Feio, dentre outras situações. Essa identificação torna possível nomear aquilo que antes era incompreendido.

Jung ([1971]/2013, p. 14) nos conta que “a parede divisória situada entre a consciência e o inconsciente é muito mais permeável” e define a função transcendente como o processo psicológico que emerge da união dos conteúdos conscientes e inconscientes, resultando na passagem orgânica de uma atitude psíquica para outra. Assim, é importante superar a separação entre a consciência e o inconsciente, reconhecendo a importância dos conteúdos inconscientes para compensar a unilateralidade da consciência e promovendo a integração de opostos psíquicos, que, de outra forma, permaneceriam inertes. Por meio da função

transcendente, pode-se corrigir uma consciência que se tornou unilateral, confrontando-a com os conteúdos desconhecidos do inconsciente. Por meio desse processo, é possível alcançar uma nova atitude e uma compreensão mais profunda de si mesmo.

Como dissemos anteriormente, precisamos dos conteúdos inconscientes para complementar os da consciência. Se a atitude consciente fosse “dirigida” um mínimo que fosse, o inconsciente poderia fluir de maneira completamente espontânea [...] Em parte alguma são necessárias medidas especiais para isto, pois as pessoas que menos conhecem o seu lado inconsciente são as que mais influência recebem dele, sem tomarem consciência disto. A participação secreta do inconsciente no processo da vida está presente sempre e em toda parte, sem que seja preciso procurá-la. O que se procura aqui é a maneira de tornar conscientes os conteúdos do inconsciente que estão sempre prestes a interferir em nossas ações, e, com isto, evitar justamente a intromissão secreta do inconsciente, com suas consequências desagradáveis (Jung, [1971]/2013, p. 24).

Neste trabalho, coloca-se o enfoque no papel dos contos de fadas no processo da função transcendente, mas há muitas formas possíveis para que esse movimento psíquico aconteça, como, por exemplo, por meio dos sonhos.

Para produzir a função precisamos do material do inconsciente. Aqui, a expressão mais facilmente acessível do processo inconsciente que deparamos em primeiro lugar são os sonhos. O sonho é, por assim dizer, um produto puro do inconsciente (Jung, [1971]/2013, p. 22).

Por fim, ao lançar mão do mundo simbólico, os contos de fadas permitem que o indivíduo entre em contato com suas próprias profundezas, colocando em movimento aquilo que não pode ser formulado por meio da fala. Ou seja, de acordo com seu tempo interno, o sujeito encontra conteúdos arquetípicos que o despertam para compreensões possíveis de seus processos naquele momento, podendo auxiliá-lo na jornada do autoconhecimento.

3 METODOLOGIA

Por meio desta pesquisa, busca-se compreender o papel dos contos de fadas e suas contribuições enquanto ferramenta de apoio em grupos de mulheres, a partir da análise temática de narrativas de participantes de um grupo. Adotou-se a abordagem qualitativa, que, de acordo com Creswell (2014), é o método ideal quando o objetivo é explorar um problema, desenvolvendo um entendimento detalhado de um fenômeno central. As informações obtidas foram tratadas por meio da análise temática indutiva do tipo reflexivo, por se basear nos dados, ou seja, não se parte de uma grade pronta de categorias ou temas, mas de uma codificação fluida e flexível (SOUZA, 2019). Assim, o processo de análise se deu pela busca nos dados de padrões de significados e questões de interesse à pesquisa. Acrescenta-se que a codificação foi realizada por meio do *software* Atlas.ti.

Quanto à amostra, optou-se por investigar as mulheres que participaram de um grupo dessa natureza e que faziam parte da Diretoria Executiva de Tecnologia da Informação e Comunicação (Dirtec) do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG). O grupo teve quatro encontros em outubro de 2024, motivados pela campanha institucional “Outubro Rosa”, e encontros mensais no período de março a dezembro de 2025. Ressalta-se que esse grupo surgiu por iniciativa das participantes, que são servidoras da instituição e terceirizadas. Esses encontros foram devidamente aprovados pela diretoria. Cabe reconhecer que a pesquisadora ocupava simultaneamente diferentes posições no contexto investigado, atuando como facilitadora do grupo, servidora da DIRTEC desde 2007, gerente e pesquisadora.

O grupo investigado se limitou a 15 mulheres que continuaram a participar dos encontros ao longo de 2025. Destas, foram entrevistadas 4, sorteadas dentre as 11 que se voluntariaram para participar. Destaco que a opção por 4 entrevistadas foi feita para que fosse viável uma análise temática dentro do prazo proposto para a pesquisa.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas não estruturadas e individuais, com o objetivo de captar suas impressões e reflexões sobre a experiência vivenciada. As entrevistas foram conduzidas de forma *on-line*, resguardando-se a privacidade das participantes. Ressalta-se que todas as entrevistadas foram informadas sobre os objetivos, os procedimentos e a confidencialidade do estudo, e o consentimento livre e esclarecido foi obtido, garantindo o respeito à privacidade e à autonomia de cada participante.

Após a realização e transcrição das entrevistas, o *software* Atlas.ti foi utilizado para a codificação e busca por padrões, que foram, em seguida, analisados e confrontados com a

revisão bibliográfica.

4 ANÁLISE DOS DADOS

As quatro entrevistas previstas foram realizadas a partir da pergunta: “Como foi a experiência de participação no grupo de mulheres para você?”

Tabela 3 – Entrevistas realizadas

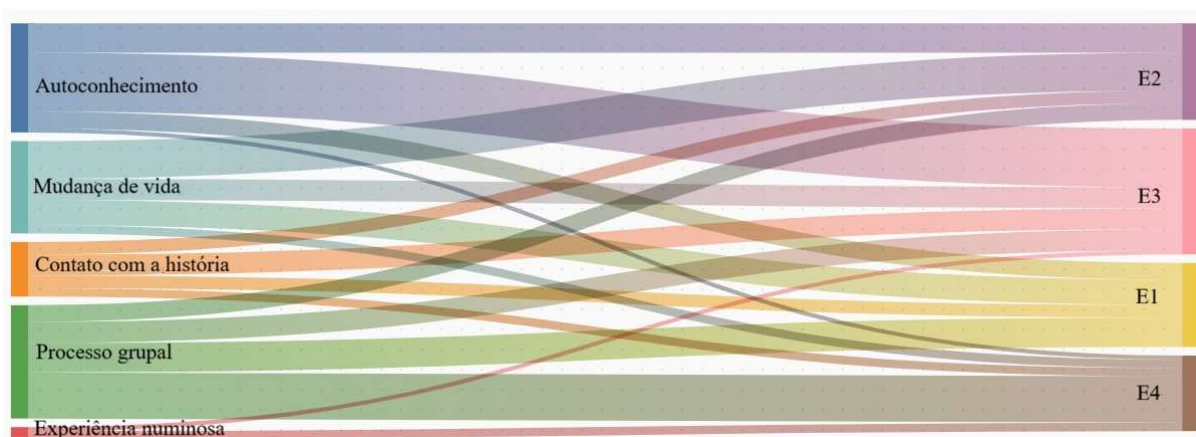
Entrevistada	Data da entrevista	Duração da entrevista
E1	21/02/2026	44min13s
E2	07/03/2026	40min52s
E3	21/02/2026	50min44s
E4	28/02/2026	34min29s

Fonte: Elaborado pela autora.

As entrevistas foram gravadas com o uso da plataforma Google Meet e transcritas automaticamente. A transcrição foi posteriormente revisada para correção de lacunas geradas pela ferramenta, e foi realizada uma codificação, por meio do *software* Atlas.ti, na qual os trechos significativos foram rotulados com palavras ou frases descritivas. Esses códigos iniciais foram comparados, revisados e, então, agrupados por similaridade, para formar categorias mais amplas. O objetivo foi identificar e descrever temas centrais e recorrentes que refletissem as impressões das participantes sobre o autoconhecimento, a função simbólica dos contos de fadas e o impacto da intervenção, permitindo uma interpretação dos resultados.

Foram encontrados 16 significados (códigos) nas entrevistas, e estes foram agrupados em 5 temas: autoconhecimento, contato com a história, experiência numinosa, mudança de vida e processo grupal.

Figura 1 – Relação entre os temas encontrados e as entrevistas



Fonte: Elaborado pela autora, com o uso do *software* Atlas.ti.

4.1 Autoconhecimento

Ao adentrar os temas e os códigos que os derivaram, concluímos a análise a seguir.

Tabela 4 – Códigos agrupados no tema autoconhecimento

Código	Exemplo de fala
Autodescoberta	E3 - Só que assim, não despertei 100% para essas coisas ali que foram ficando esquecidas ao longo da vida. E não é só coisa material ou só aprendizado ou só, como é que fala? Desejos, não é? Coisas de sentimentos também, né? Em relação à família, pai, mãe, todas essas coisas que foram ficando esquecidas ali, mágoas, não sei relatar tudo assim rapidinho.
Dar nomes	E1 - Aí você falava: “Não, não quero ser isso. Eu não quero ser o patinho feio, quero ser o cisne, né?” Então você meio que você tá fazendo isso mesmo. E também não vou ficar lá pro resto da vida sendo patinho feito. Vou sempre querer melhorar, né?
Lembrança da infância	E3 - Eh, foi um alerta, né, de que eu preciso me reencontrar com a criança, a mulher interna, né, que muito tempo foi reprimida, né, por muitos fatores, né, necessidade de trabalhar muito cedo, responsabilidade de ajudar a família, depois cuidar da minha própria família, trabalhar, me sustentar. Fui deixando meu eu guardadinho lá, né? As coisas que aquela criança que tinha em mim, né?
Ser mulher	E2 - Fui criada pela minha mãe sozinha. Minha mãe criou duas filhas e a minha mãe sempre criou a gente para ser muito forte. Então, a gente tinha que ser o homem da casa, a mulher da casa. E a gente nunca teve muito tempo para ser a mulher, sabe?
Meditação guiada	E1 - Eu não saí da casa e acho que do lago, eu não saí muito dali, entendeu? E, na casa mesmo, a hora que foi, eu fiquei muito só na minha sala aqui da minha casa foi eu não saí muito para já aqui, entendeu? Mais aqui mesmo [...] Então é o tempo inteiro eu tipo assim, ah, o tempo inteiro eu fiquei dentro de uma casa, né?

Fonte: Elaborado pela autora.

No tema “autoconhecimento”, percebeu-se que as histórias tornavam mais claros os processos pessoais das participantes. A compreensão do masculino e do feminino em cada um, como estruturas psíquicas, mostrou-se relevante para o processo, como informado pela entrevistada E2 ao dizer: “Eu não sabia que a gente tinha esse lado masculino e feminino dentro de cada pessoa, principalmente eu, como mulher.”

Durante as interpretações, a percepção da similaridade entre as vivências dos personagens das histórias e as próprias trajetórias de vida trouxe uma identificação importante, principalmente ao remeter a experiências da infância. Assim, tal identificação com as vivências da infância foi explicitada pelas entrevistadas E1, E2 e E3. A entrevistada

E1 revelou a importância dessa correlação entre os símbolos dos contos e suas vivências e afirmou: “Eu já estava nesse caminho e eu só não tinha os nomes, né?”.

Da mesma forma, a entrevistada E2 afirmou ainda que o contato com as histórias permitiu enxergar como “reais” e “palpáveis” sentimentos e traumas que estavam esquecidos, o que possibilitou a externalização desses conteúdos para a compreensão de situações que atrapalhavam sua vida pessoal e profissional. A entrevistada E3 alegou ter se descoberto mais forte: “Descobri que eu tenho muito mais força do que eu imaginava e não enxergava isso, né?” (E3). Ela ainda, pontuou também o despertar para sentimentos, mágoas e desejos vinculados ao contexto familiar, em relação ao pai e à mãe, que haviam sido silenciados ou esquecidos ao longo da vida. Essas percepções foram identificadas nas falas de todas as entrevistadas, sendo potencializadas pela meditação guiada, que foi uma técnica de grupo utilizada em alguns encontros. A entrevistada E2 comenta sobre o processo de uma meditação guiada, utilizada no conto da Rapunzel, em que o processo, resumidamente, envolvia a chegada a uma praia, o encontro com uma criança e a interação lúdica com ela.

Então, aquele encontro com a criança para mim foi muito impactante. Eh, foi muito importante também para encarar de frente os traumas que eu vivi quando eu era criança, né?, e ver que eu preciso curar isso, eu preciso trabalhar isso dentro de mim e que eu não posso fugir mais, não tenho mais tempo para fugir disso. Eu preciso encarar [...] Eu não consegui abraçar a criança (E2).

Outro fato a se apontar é que todas as entrevistadas reconheceram que tiveram ganhos no processo do autoconhecimento, mas ainda há um longo caminho a seguir, como relatado pela entrevistada E3.

Aí, eh, só que assim, não despertei 100% para essas coisas ali que foram ficando esquecidas ao longo da vida. E não é só coisa material ou só aprendizado ou só - como é que fala? - desejos, não é? Coisas de sentimentos também, né?, em relação à família, pai, mãe, todas essas coisas que foram ficando esquecidas ali, mágoas, não sei relatar tudo assim rapidinho (E3).

Por fim, percebeu-se que o contato com as histórias, no processo do grupo de mulheres, trouxe ganhos no autoconhecimento, os quais, em alguns casos, como o da entrevistada E2, foram potencializados ao serem levados para a terapia individual.

4.2 Contato com a história

Tabela 5 – Códigos agrupados no tema contato com a história

Código	Exemplo de fala
Redescoberta do conto	E4 - Eh, dos contos era uma grande descoberta, cada um era uma grande descoberta, porque a gente não imaginava que era aquilo e a interpretação era aquela, sabe assim? Puxa, uma coisa que você achava na infância que era tão inocente, que era escrito tão sem, vamos se dizer assim, sem propósito, sabe? Quando você estuda aqui, você fala assim: “Puxa, nada é sem propósito”, sabe assim? Eh, a sensação que dava era essa.
Histórias x experiência de vida	E1 - Às vezes eu falo: “Não, também tem que devolver um pouco e viver minha pele” (Sobre o conto “Pele de foca, pele da alma”).

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisar as referências das entrevistas na perspectiva do universo simbólico dos contos e arquétipos, percebeu-se que houve uma identificação com as realidades atuais das participantes, permitindo reinterpretções de narrativas conhecidas desde a infância.

O conto “O patinho feio”, apesar de ser uma história muito conhecida, trouxe muita reflexão para todas as entrevistadas. A entrevistada E2 destacou esse conto como a história que mais a marcou emocionalmente. Ao contrastar a leitura atual com a feita na infância, ela descreveu o impacto de sua identificação com a narrativa:

A que mais me marcou foi o conto do patinho feio. Esse eu arrepio só de falar, eu comentei sobre ele na minha terapia e a gente vai trabalhar um pouco sobre ele. [...] E esse conto do patinho feio para mim foi assim fascinante. Eu o li com outros olhos. Eu li quando era criança, mas hoje eu consegui ver muita coisa nesse conto assim para mim, sabe que eu ainda não consigo me ver como cisne (E2).

Para a entrevistada E2, a imersão na história gerou a necessidade de um processo de reflexão que se seguiu após o encontro. Ela relatou: “Precisei ler novamente para absorver isso e entender que eu sou um cisne, sim, sabe? Eu ainda não consigo acreditar que eu sou um cisne” (E2).

De forma semelhante, a entrevistada E3 relatou o impacto de sua identificação com o simbolismo da Mulher Maravilha, figura utilizada para descrever sua postura pessoal antes dos encontros. Ela registrou uma mudança de percepção ao notar que a tentativa de corresponder a esse ideal heroico era exaustiva:

Foi bacana descobrir aquele negócio da Mulher Maravilha, né? Que eu fui me achando Mulher Maravilha e depois veio aquela decepção. Não é nada daquilo que eu pensava. Ainda estou um pouco de Mulher Maravilha ainda, mas mudei muita coisa. Não tô tão querendo salvar o mundo, não. É cansativo. E a gente fica cansada sem saber por quê. [...] Eh, tava muito Mulher Maravilha e querendo salvar o mundo, mas eu não me salvava, né? (E3)

A entrevistada E3 indicou que a experiência com o símbolo da Mulher Maravilha permitiu reconhecer que “não adianta” tentar salvar a todos, resultando em um reposicionamento no qual passou a priorizar o próprio bem-estar e a lidar de forma mais equilibrada com o cansaço acumulado ao longo da vida.

Outro conto citado foi o “Pele de foca, pele de alma”. Em um determinado ponto da história relatada nesse conto, a Mulher Foca precisa resgatar a sua pele para voltar para casa, e o marido se recusa a devolvê-la. A assimilação desse simbolismo foi descrita pela entrevistada E1 ao dizer: “Às vezes eu falo: ‘Não, também tem que devolver um pouco para eu viver a minha pele.’”

Por fim, percebeu-se que as entrevistas demonstraram que os simbolismos identificados no contato com as histórias reverberaram nas trajetórias pessoais das participantes, trazendo reflexões importantes.

4.3 Experiência numinosa

Tabela 6 – Códigos agrupados no tema experiência numinosa

Código	Exemplo de fala
Experiência numinosa	E4 - E como eu acho que todo trabalho terapêutico, não dá para eu dizer para você que não existiu uma egrégora que formava ali, sabe?

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao ouvir as entrevistadas E3 e E4, foi possível identificar o contato com conteúdos que não se explicam racionalmente, da ordem do indizível, e que produzem transformação, o que Jung denomina experiência com o numinoso. Um dos pontos percebidos foi o efeito do sorteio de cartas de oráculos. É preciso esclarecer que, em todos os encontros, eram disponibilizados dois oráculos para quem quisesse retirar uma carta. Tratava-se de cartas motivacionais, que, em alguns encontros, eram escolhidas para o grupo ou utilizadas para leitura pessoal. Havia relatos de que as cartas eram exatamente o que se precisava ouvir e que um oráculo dialogava com o outro, trazendo mensagens complementares. A entrevistada E3 relatou que frequentemente permanecia em dúvida sobre retirar ou não uma carta para si.

Ah, eu anotei uma coisa aqui, né, que aquele oráculo é muito sinistro, que ele me dava medo. Ai, ai [...] Devia ter algum ímã no dedo assim, né? Aqui ia pegar senti um ímã, só pode. Nó! Toda vez dava medo das mensagens que vinham. Ele vai me falar o que eu não quero escutar, e vinha, não tinha jeito [...] É, tinha que ter coragem, mas eu ia lá, né? E tinha dia que eu não estava espiritualmente assim, não. Hoje eu não quero tirar e eu não tirava (E3).

No contexto do grupo, essa experiência da entrevistada E3 com o oráculo foi percebida como algo maior do que ela, diante do qual se sentia tomada, exigindo coragem para enfrentar.

A entrevistada E4, por sua vez, ressaltou a percepção da formação de uma egrégora durante os encontros. Ela cita que, em alguns momentos, simplesmente não conseguia participar e, posteriormente, recebia relatos de que o encontro havia sido muito bom.

E como eu acho que todo trabalho terapêutico, não dá para eu dizer para você que não existiu uma egrégora que formava ali, sabe? Assim, não tinha nada de espiritual, mas ao mesmo tempo tinha uma egrégora que era formada, que tinha dias que não dava para ir. Tudo acontecia que dava para poder ir e de repente não dava para ir para lá. E aí depois você ficava sabendo que o grupo foi muito legal, que o grupo trabalhou coisas muito legais. Aí você falava: "Caramba, eu não consegui". E aí quando dava para ir, dava nitidamente para saber que tinha uma egrégora que se formava mesmo assim, sabe? (E4)

A entrevistada E4 ainda relata a sua experiência no contato com o conto "O urso da meia lua". Ela afirmou ter percebido uma experiência corporal durante a leitura, caracterizada por coceira e urticária generalizada. Esse contato com o símbolo trazido nesse conto, naquele momento, não teve expressão em sua fala. Ao ser estimulada a falar, ela relatou um caso pessoal, mesmo sem ter consciência de que havia conexão com a urticária. Após a verbalização, os sintomas desapareceram.

Foi, foi o do urso. Foi exatamente esse. Assim no meio do trabalho me deu uma coceira, uma urticária no corpo que não tinha explicação nenhuma aquilo. Assim, uma coceira que era no rosto, era na garganta, era no peito e tal. E aí teve uma hora que você falou assim: "Fala (E4), fala" [...] E foram poucas vezes que eu me lembro de como é libertador falar. Sabe assim? Como é libertador colocar para fora, olhar para aquilo que a gente tá sentindo e colocar para fora, sabe? Assim, até esgotar aquilo, né? E eu falo, até fico emocionada porque é muito profundo, né? Então foi muito, muito importante [...] Por isso que eu falo que ali se formava uma egrégora mesmo, sabe? num campo energético que era transformador ali. Tinha como não ser, não tinha sair igual, sabe? (E4)

Para a entrevistada E4, esse evento não foi meramente biológico, mas configurou-se como evidência de um campo energético transformador, que levou a participante a uma percepção especial em sua consciência.

Assim, os dados demonstram que houve uma percepção de contato com experiências de caráter numinoso e que, ao vivenciá-las, processos transformadores eram desencadeados.

4.4 Mudança de vida

Tabela 7 – Códigos agrupados no tema mudança de vida

Código	Exemplo de fala
Desejo aflorado	E4 - Eh, e foi nesse processo assim desse grupo que me despertou um desejo muito antigo que era sobre a biodança que eu tinha completamente esquecido, adormecido. Eu conheci a Biodança quando eu tinha 20 anos [...] Entrei no grupo de formação de biodança.
Mudança de vida	E2 - E eu tinha muita dificuldade no nosso relacionamento de falar os meus sentimentos. os momentos em que eu tava chateada com ele de alguma forma, com alguma fala e esses encontros iam tirando essa capa de mim, essa eh essa essa capa mesmo que eu vestia e eu conseguia expressar para ele se eu tivesse chateado com alguma coisa, um copo fora do lugar, eh uma fala dele. E isso me ajudou muito a me libertar e falar com ele, consegui falar para ele, né, o que eu tava sentindo. Então, dentro de casa, isso também me ajudou muito, a falar mais.

Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando os dados coletados sob o aspecto do tema da mudança de vida, de forma unânime, as entrevistadas informaram que a experiência vivida no grupo de mulheres que foi alvo desta pesquisa as transformou em alguma medida.

Destaca-se o exemplo da transformação vivida pela entrevistada E2, cuja mudança individual transbordou para seu sistema familiar ampliado. Ela relatou que, após a experiência dos encontros, propôs a criação de um encontro periódico de mulheres de sua família e agregadas, no qual realizam leituras, conversavam sobre suas trajetórias e confraternizam com um lanche ao final. Esse grupo foi denominado Malicas, que, conforme explicado pela entrevistada E2, significa “rainhas”.

E eu falei isso com a minha família, falei com a minha sogra. Tanto que desse encontro nasceu um encontro nosso da família com outras mulheres, com outra pegada, mas eu consegui trazer para elas assim, gente, vamos fazer o encontro das mulheres da família que aí veio outras agregadas e foi a mesma coisa, a gente conseguiu compartilhar uma com a outra, trazer alguns momentos de reflexão. Então assim, é muito bom. Muito positivo [...]

Assim, a gente tem um grupo das mulheres da família todas casadas, uma delas passou por uma separação recentemente. E aí a gente começou a fazer o grupo para dar força uma para a outra, para falar palavras de incentivo. A gente ora, a gente traz algum estudo, alguém lê alguma coisa ou lê um livro, traz algum pedaço de experiência própria ou a gente fala sobre amor (E2).

Por outro lado, a entrevistada E1 relatou sentir-se mais segura em relação ao seu “querer” e à decisão de se priorizar, observando que essa mudança de postura chegou a causar estranheza em seu cônjuge. Ela passou a não abrir mão de frequentar a academia e de realizar atividades que considera importantes para si, relatando que, como seus filhos já estão grandes, agora prioriza suas próprias vontades.

Por sua vez, a entrevistada E2 destaca o olhar para o seu lado feminino, que foi muito importante para conseguir ver também as questões de sua filha sob uma nova perspectiva.

Então, assim, esse encontro para mim foi um divisor de águas. Ele me trouxe para uma realidade que eu tô gostando de viver, tô gostando de aprender mais sobre mim mesma, sobre o meu lado feminino, que eu preciso aflorar mais o meu lado feminino (E2).

A entrevistada E2 ainda relatou que apresentava muita dificuldade de falar sobre os seus sentimentos com o marido. Ela afirmou que os encontros foram removendo barreiras emocionais que a impediam de se expressar, e que essa mudança de postura contribuiu significativamente para a melhoria das relações no ambiente familiar.

Eh, fiquei menos arredia, menos introspectiva, menos egoísta, mais compadecida com a dor do outro. Ou seja, a minha dor não é maior que a da minha outra colega, amiga. Eh, então assim, nenhuma dor é maior que a outra, né? A gente pode compartilhar isso (E2).

A capacidade de estabelecer limites também emergiu como um aprendizado registrado pela entrevistada E4. Ela pontuou que a vivência grupal a despertou para a necessidade de impor limites em suas interações sociais e profissionais, o que reflete um processo de fortalecimento pessoal diante das demandas externas.

Outro padrão identificado nas narrativas foi o resgate de desejos antigos que permaneciam latentes ou esquecidos ao longo dos anos. A entrevistada E3 relatou que passou a lidar melhor com suas emoções e a dar prioridade às suas próprias vontades, o que a levou a resgatar um desejo da infância: a prática do sapateado. Apesar de não ter iniciado essa prática, ela deu início a um curso de pós-graduação, também um desejo guardado, colocado em prática após os encontros. O afloramento de projetos adormecidos foi igualmente relatado pela entrevistada E4, que iniciou uma formação profissional em uma área de interesse que havia sido abandonada há duas décadas:

Eh, e foi nesse processo assim desse grupo que me despertou um desejo muito antigo que era sobre a biodança que eu tinha completamente esquecido, adormecido.

Eu conheci a Biodança quando eu tinha 20 anos [...] Entrei no grupo de formação de biodança (E4).

Em suma, os relatos colhidos demonstram que o contato simbólico com os contos e a partilha coletiva atuaram como ferramentas de transformação. As mudanças narradas vão desde a retomada de sonhos pessoais até a reconfiguração de laços familiares e profissionais.

4.5 Processo grupal

Tabela 8 – Códigos agrupados no tema processo grupal

Código	Exemplo de fala
Acolhimento	E3 - Tinha aquelas situações todas do que cada uma passou, todo mundo transmitiu muito amor, carinho tinha aquela troca bacana ali, né?
Ambiente de trabalho	E4 - Eu acho que primeiro porque a gente tava num ambiente diferente, né? Eh, com pessoas que a gente convivia todos os dias, mas sem nenhuma intimidade, né? Então assim, não eram pessoas que a gente eh tinha intimidade, eram realmente pessoas que a gente pouco convivia, né? Tinha: "Oi, tudo bem, tal". A maioria delas, né? Então, assim, eh, criar esse laço que durou um ano inteiro foi uma descoberta muito legal, assim, foi um trabalho muito legal.
Criação de vínculo	E4 - Que mulheres unidas são mais fortes, né? e que a gente pode chorar no ombro uma da outra, que a gente tenha um apoio, que não existe acusação. Então assim, o grupo me trouxe um conforto, me trouxe eh eh eu vou dizer conforto mesmo, sabe?
Empatia	E1 - Então você vê ali que é uma coisa que é de todo mundo, só que cada um tem um jeito de entender, de passar, né, de sofrer, de tudo, né? Tem a sua dor, né?
O falar em grupo	E4 - E eh foram poucas vezes que eu me lembro que como é libertador falar, sabe assim, como é libertador colocar para fora, olhar para aquilo que a gente tá sentindo e colocar para fora, sabe assim, até esgotar aquilo, né? E eu falo até fico emocionada porque é muito profundo, né? Então assim, foi muito, muito importante.
Significado do encontro	E3 - Lá o tempo era focado para aquilo, era 100% aproveitado por mim, né? refletia muita coisa, não tava pensando em outras coisas, pensando no problema dos outros, pensando o que que tem que fazer para a janta, casa que tem que arrumar, roupa que tem que lavar, serviço pendente, a lista de pendentes que eu tenho de serviço também assim, é um tempo bom para você parar, ouvir.

Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando os resultados das entrevistas sob o aspecto do tema processo grupal, percebeu-se que as narrativas evidenciaram que a coletividade foi um fator importante para os processos individuais das participantes. A entrevistada E4 ressaltou um caso que a marcou no

processo, ocorrido durante o debate sobre o conto “Pele de foca, pele de alma”. A participante não conseguia se lembrar de um trecho crucial da história. Mesmo relendo o texto, ela não conseguia perceber aquilo que estava explicitamente escrito. Após um debate mais intenso, uma colega leu em voz alta, e somente assim ela percebeu o trecho em questão.

Sobre esse evento, a entrevistada E4 interpretou que o trecho “esquecido” refletia um padrão de comportamento inconsciente presente em sua vida, ilustrando a importância do contato com a visão do outro para o seu processo individual.

Já era uma sensação de tipo assim, poxa, realmente a precisa de uma ajuda para interpretar aquilo, essa história. Sabe assim? Um olhar só de leitura não é suficiente. Precisa mesmo de um grupo que esteja ali com um propósito, com outros entendimentos, outras visões pra gente poder saber. E as experiências assim, são únicas, porque nem imaginava que ia sair cada coisa que saiu, sabe assim? As conversas, as confidências, os choros, sabe? Você conseguir entender o choro daquela pessoa que tá ali na sua frente, você chorar na frente de alguém que você não tem intimidade e que amanhã você vai olhar para ela de manhã e o olhar sobre aquela pessoa vai mudar. Inevitavelmente você pode até não ter amizade, pode até não ter intimidade, né? Mas não tem como não olhar para aquelas pessoas que estavam ali com o mesmo olhar. Então dá para notar que era muito profundo, sabe? (E4)

Todas as entrevistadas destacaram a importância de escutar e de falar. Esse contato trouxe um olhar mais amoroso para as questões dos outros, mas também para as próprias vivências. A entrevistada E4 ressaltou que a interpretação individual é muito diferente daquela realizada em grupo.

É importante incluir, nesta análise dos dados, o fato de que os encontros foram realizados no auditório do local de trabalho, logo após o expediente. Esse contexto trouxe aspectos positivos para a criação de vínculos, conforme citado pelas entrevistadas, mas também apresentou um aspecto negativo, que é a interação com pessoas com as quais já se convivia diariamente. Apesar do constrangimento provocado pela falta de intimidade, a entrevistada E3 destacou o sentimento de acolhimento, relatando que “todo mundo transmitiu muito amor, carinho” durante as trocas afetivas. Esse vínculo grupal foi construído ao longo dos encontros, e a timidez foi vencida a cada reunião.

Mas eu também atribuo a construção do grupo, sabe? Ao vínculo que se é criado, a abertura que é dada, ao lugar que a gente a que a gente cria ali de segurança, sabe? De segurança mesmo. A palavra que eu que eu tenho é segurança, de que estar ali, eu posso falar que vai ficar ali. Ninguém vai sair com uma fofoca, distorcendo o que você falou. Ninguém vai fazer picardia sobre seu sofrimento, sabe? Então, isso é um lugar de segurança e isso a gente construiu (E4).

Nesse sentido, a entrevistada E4 também percebeu uma abertura das participantes à

construção de um lugar de confiança, pautado pelo sigilo e pela ausência de julgamento, o que tornava o ato de falar “libertador”. No entanto, registrou-se um paradoxo: embora o ambiente de trabalho tenha favorecido a proximidade, ele também trouxe, de forma negativa, uma “certa dificuldade para que as participantes se abrissem plenamente”, em virtude da convivência profissional cotidiana.

A empatia construída ao longo dos encontros foi citada por todas as entrevistadas. A entrevistada E2 destacou a importância de compreender que outras pessoas passam por questões semelhantes às dela.

Então assim, eu só vi coisas positivas, só vi coisas boas nesse encontro, além da gente compartilhar também com as meninas, né, muitas histórias interessantes, muitas lutas, muitas vitórias e saber que eu não tô sozinha nesse mundo. Saber que tem muitas mulheres que lutam também contra muitas coisas, muitos traumas e que eu não tô sozinha. Eu sempre achei que eu era sozinha nessa vida, nessa luta (E2).

A entrevistada E2 cita que o contato com a vivência do outro tornou os sentimentos e traumas mais “palpáveis” e “reais”. Ela conta que, ao ver os dilemas alheios retratados nas histórias, pôde validar sua própria realidade, sentindo-se encorajada a “colocar para fora” e buscar perceber as suas questões pessoais.

Então, ou seja, eu consegui enxergar não só em histórias em que pessoas reais vivem algo parecido com o que eu vivia. Sentimentos que eu às vezes nem sabia que eu tinha, traumas que eu tinha esquecido e que ver as pessoas, vê que é palpável, que é real, eh, me trouxe, falei assim: "Olha, então o que eu sinto é real, então eu posso colocar para fora, eu posso entender e eu posso me curar daquilo que me faz mal, daquilo que tá me atrapalhando, porque muita coisa me atrapalhavam, né, no lado profissional, no lado pessoal (E2).

O grupo também teve um significado de pausa e foco em suas questões pessoais, que muitas vezes são negligenciadas no dia a dia. A entrevistada E3 destacou a importância de ter um tempo focado exclusivamente em si mesma, livre das pressões e preocupações do cotidiano doméstico e profissional.

Lá o tempo era focado para aquilo, era 100% aproveitado por mim, né? refletia muita coisa, não tava pensando em outras coisas, pensando no problema dos outros, pensando o que que tem que fazer para a janta, casa que tem que arrumar, roupa que tem que lavar, serviço pendente, a lista de pendentes que eu tenho de serviço também assim, é um tempo bom para você parar, ouvir (E3).

Assim, conclui-se que o processo grupal trouxe ganhos na ampliação da riqueza das interpretações e reflexões, mas o fato de ter sido realizado no ambiente de trabalho configurou-se como uma barreira relevante a ser superada.

5 DISCUSSÃO

Passa-se, agora, à discussão da relação entre o referencial teórico estabelecido nesta pesquisa e os dados levantados. Ou seja, estabelece-se uma articulação dialética entre a teoria e os cinco temas evidenciados no levantamento de dados, que são: autoconhecimento, contato com a história, experiência numinosa, mudança de vida e processo grupal.

O processo de autoconhecimento vivenciado pelas participantes indicou um movimento em direção à integração do *self* em um processo de individuação, como proposto por Jung. Conforme os dados analisados, participantes como E3 puderam reconhecer forças internas antes invisíveis, o que dialoga com a metáfora da semente de pinheiro, na qual o potencial de tornar-se o que se é vai sendo concretizado nas oportunidades que surgem. O ato de “dar nomes” aos processos intuitivos, relatado por E1, e a descoberta da dinâmica entre o feminino e o masculino por E2 indicam que a imersão nos contos pode permitir que fossem acessados e integrados os conteúdos do inconsciente pessoal anteriormente reprimidos. O contato com memórias da infância, em alguns momentos serviu como um gatilho para um processo de amadurecimento individual.

No que se refere ao contato com a história, as narrativas simbólicas funcionaram como espelhos das realidades atuais das entrevistadas, validando a premissa de Von Franz de que os contos de fadas são a expressão mais pura dos processos do inconsciente coletivo. A identificação arquetípica, exemplificada pela reflexão de E3 sobre o esgotamento do ideal heroico da Mulher Maravilha, permitiu que a participante reconhecesse seu próprio cansaço e a necessidade de autocuidado. Da mesma forma, a reinterpretação de histórias como “O patinho feio” por E2, “Pele de foca, pele de alma” por E1 e “O urso da meia lua” por E4 demonstrou a plasticidade dos símbolos, que tornaram traumas e sentimentos palpáveis e reais, facilitando a elaboração de conteúdos psíquicos que antes pareciam incompreensíveis.

O grupo também teve contato com experiências numinosas nos encontros, nas quais a energia psíquica dos símbolos produziu transformações na consciência das participantes. O numinoso, sendo uma força independente da vontade do ego que se apodera do sujeito, manifestou-se no grupo por meio da percepção de uma “egrégora” transformadora, descrita como algo intenso e impactante. As reações psicossomáticas de E4 durante o debate do conto “O urso da meia lua” e a relação de magnetismo de E3 com o oráculo exemplificam esse contato com o indizível.

Por sua vez, as transformações identificadas no tema mudança de vida indicaram que o

trabalho simbólico produziu efeitos práticos nas dinâmicas relacionais consigo mesmas e nas relações interpessoais. O exemplo de E2, que expandiu sua vivência para o sistema familiar ampliado ao criar o grupo chamado Malicas, com as mulheres de sua família, ilustra como as transformações internas transbordaram para o seu entorno social. Ainda, o contato com os símbolos presentes nos contos pode ter influenciado o desenvolvimento de maior segurança no exercício da priorização pessoal, como observado em E1, e a coragem de impor limites, registrada por E4. Além disso, o resgate de desejos antigos, como a formação profissional retomada por E4 e o sapateado para E3, demonstra que, conforme percebido nas entrevistas, o fortalecimento das participantes permitiu que essas mulheres abandonassem “capas” defensivas para assumir maior autoridade e autonomia sobre suas trajetórias.

Percebeu-se também que o processo grupal serviu como suporte para que essas elaborações ocorressem, reforçando a ideia de que a interpretação coletiva oferece perspectivas que a leitura solitária não alcança. A criação de um espaço de segurança psicológica e sigilo dentro da instituição de trabalho permitiu que o fenômeno da empatia e o reconhecimento da universalidade das dores unissem as participantes em seus processos. O relato de E4 sobre o esquecimento de um trecho da história, recuperado apenas pela voz da colega, ilustra como o grupo operou como um espelho ampliado, catalisando a identificação de padrões comportamentais inconscientes.

Pode-se notar que as mulheres participantes do grupo entraram em contato com alguns aspectos de suas sombras e das demais participantes. Apesar de não ter sido o foco principal do grupo, observou-se uma ampliação da sensibilidade às questões relacionadas ao feminino, especialmente no que se refere à necessidade de descanso, de priorização pessoal, dentre outros aspectos.

Por fim, conforme destacado pelas entrevistadas E3 e E4, observou-se que o contexto do ambiente de trabalho se apresentou como um paradoxo: se, por um lado, favoreceu a criação de vínculos inéditos entre colegas, por outro, impôs barreiras de constrangimento e dificuldades de abertura, em virtude da convivência profissional cotidiana.

6 CONCLUSÃO

A partir das vivências analisadas, conclui-se que o processo grupal realizado com mulheres no Tribunal de Justiça de Minas Gerais ofereceu suporte para que as participantes entrevistadas iniciassem um movimento de atuação com maior autonomia, autoridade e consciência sobre sua jornada pessoal.

Os contos de fadas revelaram-se como uma ferramenta importante para o processo grupal. Por meio de seus simbolismos, permitiram o acesso e a elaboração de conteúdos inconscientes no contexto grupal. As entrevistas evidenciaram que a identificação com as histórias possibilitou às mulheres “dar nomes” a processos psíquicos antes intuitivos ou silenciados. Esse resgate de memórias, muitas vezes vinculadas à infância, foi fundamental para o fortalecimento da segurança das participantes, permitindo que elas abandonassem posturas defensivas e passassem a priorizar seus próprios quereres e limites. A transformação subjetiva manifestou-se de forma prática no cotidiano, resultando em reposicionamentos nas relações familiares e profissionais, o que demonstra que o trabalho simbólico transcende a dimensão imaginativa e produz efeitos concretos na vida cotidiana. Nesse sentido, a metáfora da semente mostra-se pertinente, pois ela começa a perceber que existe algo além da terra escura, conquistando forças para crescer e vencer as intempéries, ainda que o “pinheiro” que ela tem potencial para se tornar ainda não esteja plenamente visível na consciência.

A experiência revelou, ainda, a potência do arquétipo da mulher *trickster* no contexto institucional. A própria iniciativa de instituir um espaço de compartilhamento de vulnerabilidades e dores universais dentro de uma instituição formal configura-se como um ato de subversão criativa e renovação cultural. Nesse sentido, a criação de um grupo de mulheres no Tribunal de Justiça de Minas Gerais pode ser compreendida como uma manifestação concreta desse arquétipo.

Diante do exposto, os objetivos desta pesquisa foram atingidos ao sugerir que a interpretação de contos em grupo é uma via possível para o processo de individuação. A análise temática reflexiva permitiu identificar padrões de significado que confirmam a funcionalidade dos contos de fadas como um instrumento de mobilização psíquica voltado à busca de totalidade do *self*.

Por fim, este estudo abre caminhos para futuras investigações, tanto sob uma perspectiva longitudinal das participantes quanto no âmbito do trabalho. Observa-se uma lacuna na literatura quanto à viabilidade e aos benefícios da formação de grupos terapêuticos

em contextos organizacionais. Permanecem questões que ainda carecem de respostas, como o impacto dessas intervenções na redução de casos de assédio moral ou no aumento da colaboração e da produtividade subjetiva entre as servidoras, configurando-se como relevantes oportunidades de pesquisa futura.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Heliana Castro. **Utilização de contos de fadas e atividades simbólicas na compreensão de crianças vítimas de violência**. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/items/d06ce5ef-3724-4d4e-807b-88f438b56d43>. Acesso em: 18 abr. 2025.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. Obra originalmente publicada em 1976.
- BOMBONATO, Jéssica Ribeiro. **A violência dos contos de fadas dos irmãos Grimm e a literatura infantil brasileira: transformações e reinterpretções**. Dissertação (Mestrado em Filosofia, Letras e Ciências Humanas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-05102022-193532>. Acesso em: 23 ago. 2025.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos, mitos e arquétipos**. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014. E-book. ISBN 9788565848893.
- GIMENEZ, Luna Pereira. Feminismos junguianos e a mulher *trickster* pós-moderna. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, São Paulo, v. 43, 2025. Disponível em: <https://junguiana.sbpa.org.br/revista/article/view/106/372>. Acesso em: 5 set. 2025.
- GUTFREIND, Celso. **O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na clínica e na escola**. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Artmed, 2020.
- HISADA, Sueli. **A utilização de histórias no processo psicoterápico: uma visão winnicottiana**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2007.
- JACOBI, Jolande. **Complexo, Arquétipo e Símbolo na psicologia de C. G. Jung**. Tradução de Milton Camargo Mota. Petrópolis: Vozes, 2016. Obra originalmente publicada em 1957.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. v. 9/1. Tradução de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. Obra originalmente publicada em 1976.
- JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. v. 7/2. Tradução de Dora Ferreira da Silva. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. Obra originalmente publicada em 1971.
- JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. v. 8/2. Tradução de Mateus Ramalho Rocha. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. Obra originalmente publicada em 1971.
- JUNG, Carl Gustav. **Civilização em transição**. v. 10/3. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. Obra originalmente publicada em 1974.
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e religião**. v. 11/1. Tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. Obra originalmente publicada em 1938.
- KAITEL, Alexandre Frank Silva. **Não chuta que é macumba: processos de subjetivação em médiuns desenvolvendo na Umbanda**. 2019. 212 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- LIMA, Paula Gabriela Mendes. **Introdução à filosofia feminista**. No prelo.
- MEREGE, Ana Lúcia. **Os contos de fadas: origens, história e permanência no mundo moderno**. São Paulo: Claridade, 2010.
- PAIVA, Maria Beatriz Facciolla. **Os contos de fadas: suas origens histórico-culturais e implicações psicopedagógicas para crianças em idade pré-escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1990. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/b4333d6f-815b-4217-be7a-9f026057d2e2>. Acesso em: 5 jan.

2026.

PORT, Franciny Lis Kohlrausch *et al.* **Contando, recontando... subjetivando**: a importância terapêutica da psicanálise no grupo de contos. In: MOSTRA CIENTÍFICA DO CESUCA, 8., 2014, Cachoeirinha. Anais [...]. Cachoeirinha: Faculdade Inedi – CESUCA, 2014. p. 305-310. Disponível em: <https://ojs.cesuca.edu.br/index.php/mostrac/article/view/736>. Acesso em: 5 jan. 2026.

RAMOS, Denise. Prefácio. In: JUNG, Emma. **Animus e anima**: uma introdução à psicologia analítica sobre os arquétipos do masculino e feminino inconscientes. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2020.

ROWLAND, Susan. **Jung**: uma revisão feminista. Tradução de Viviane Cássia Heiburgeer Richardson. Petrópolis: Vozes, 2024. Obra originalmente publicada em 2002.

SCHNEIDER, Raquel Elisabete Finger; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 132-148, ago. 2009.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a análise temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005. Acesso em: 1º abr. 2026.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. Valorizações afetivas nas representações de contos de fadas: um olhar piagetiano. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, p. 205-232, dez. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432005000200007. Acesso em: 5 abr. 2025.

VOLOBUEF, Karin. Um estudo do conto de fadas. **Revista de Letras**, p. 99-114, 1993. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40542110>. Acesso em: 4 maio 2025.

VON FRANZ, Marie-Louise. O processo de individuação. In: JUNG, Carl Gustav (org.). **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2016. Obra originalmente publicada em 1964.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A interpretação dos contos de fadas**. São Paulo: Paulus, 1990. Obra originalmente publicada em 1970.